

ISABELA BAIOCATO

**A ALTERNÂNCIA ENTRE OS MODOS
SUBJUNTIVO E INDICATIVO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: um estudo em cartas pessoais do século
XX**



ARARAQUARA – S.P.
2017

ISABELA BAIOCATO

A ALTERNÂNCIA ENTRE OS MODOS
SUBJUNTIVO E INDICATIVO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: um estudo em cartas pessoais do século XX

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.
2017

Baiocato, Isabela

A alternância entre os modos Subjuntivo e Indicativo no português brasileiro: um estudo em cartas pessoais do século XX / Isabela Baiocato – 2017
102 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Variação Linguística. 2. Português Brasileiro. 3. Subjuntivo. 4. Orações completivas. 5. Cartas pessoais. I. Título.

ISABELA BAIOCATO

A ALTERNÂNCIA ENTRE OS MODOS
SUBJUNTIVO E INDICATIVO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: um estudo em cartas pessoais do século XX

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq

Data da aprovação: 26/05/2017

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Departamento de Linguística e Língua Portuguesa / FCLAr – UNESP

Membro Titular: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM – Uberaba)

Membro Titular: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Departamento de Linguística e Língua Portuguesa / FCLAr – UNESP

Araraquara, 26 de maio de 2017.

*Aos meus pais, minha inesgotável
fonte de inspiração, Walmir e
Márcia, que tornaram possível essa
conquista.
A eles, dedico.*

AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram para a realização de mais esta etapa da minha vida, a minha gratidão.

De modo especial, agradeço:

A Deus, pela presença constante em minha vida, por ter atendido às minhas preces e aberto portas e caminhos para que eu chegasse até aqui. Pelas pessoas, tão importantes, que colocou em minha vida e me impulsionaram nessa jornada. Ao Pai, obrigada pelos privilégios concedidos a mim.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, a quem tenho enorme carinho e a quem sempre serei grata. Agradeço por me acolher desde a Graduação e por continuar compartilhando comigo suas experiências e conhecimentos acerca da Variação e Mudança Linguísticas. Agradeço a Deus por tê-la colocado em minha vida. Saiba que a senhora sempre estará presente em minhas orações.

Aos meus pais, meu alicerce, José Walmir e Márcia, por terem acreditado em meu sonho e me ajudarem a realizá-lo.

Aos colegas do grupo de pesquisa, SOLAr, que inúmeras vezes contribuíram, mesmo sem perceber, com a evolução desta pesquisa.

À Letícia, por ter se disponibilizado e me auxiliado com a formatação das cartas e por compartilhar o levantamento de informações das gramáticas tradicionais modernas.

À Profa. Dra. Angélica Rodrigues e à Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa pelas contribuições tão valiosas que trouxeram a este trabalho, durante o exame de qualificação.

Ao CNPq, por ter financiado esta pesquisa.

“Porém, antes de chegar ao verso final já havia compreendido que não sairia jamais daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos, e que tudo que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e para sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra”.

Gabriel García Márquez (2015, p.447).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a alternância entre os modos Subjuntivo e Indicativo no português brasileiro por meio de cartas pessoais datadas de meados do século XX. Pretende-se confrontar as prescrições gramaticais com os usos observados nas cartas. A teoria que serve de base para este estudo é a Teoria da Variação e Mudança Linguística, modelo teórico que se filia à Sociolinguística. Defende-se a ideia de que a troca entre os modos Subjuntivo/Indicativo não modifica o valor semântico da oração, constituindo de fato um fenômeno variável. A metodologia empregada inclui duas etapas: (i) o levantamento prévio de informações em gramáticas, manuais e outros materiais de cunho normativo similares, representativos do período de tempo compreendido pela análise, e o levantamento de resultados obtidos em estudos variacionistas sobre o fenômeno; (ii) a análise empírica do fenômeno a partir dados oriundos de cartas pessoais datadas do século XX. A variável dependente é o modo verbal empregado em contexto de orações completivas. Inclui duas variantes: formas do Subjuntivo e formas do Indicativo. Com base no resultado obtido foi possível identificar três padrões de uso do Subjuntivo: ‘uso categórico’, ‘uso semi-categórico’ e ‘uso variável’. Os resultados mostraram que o tempo *presente* é o mais frequente entre os regentes verbais, bem como entre as variantes (na oração encaixada). Alguns morfemas modo-temporais do padrão semi-variável presentes nas variantes aparentaram ser abertos à variação, sendo o caso do *pretérito perfeito* e do *futuro*. Os contextos marcados para uso de Subjuntivo trouxeram resultados significativos: os casos de Indicativo ocorreram, principalmente, em situações em que o esperado era o uso do Subjuntivo. Dessa forma, nota-se que, mesmo sendo sutil, a entrada de Indicativo em contextos de Subjuntivo é ativa. Por outro lado, alguns fatores estruturais tendem a manter o Subjuntivo. A ocorrência de Subjuntivo em orações completivas é mais frequente quando, na oração encaixada, temos o morfema de *imperfeito* anexado ao verbo. Outro fator que se mostrou conservador ao uso de Subjuntivo foi a presença de uma sentença negativa na oração principal, em consonância com a tradição gramatical.

Palavras – chave: Variação linguística. Português brasileiro. Subjuntivo. Orações completivas. Cartas pessoais.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate the alternation between Subjunctive and Indicative modes in Brazilian Portuguese through personal letters dating from the middle of the 20th century. It is intended to confront the grammatical prescriptions with the uses observed in the letters. The theory that serves as the basis for this study is the Theory of Variation and Linguistic Change, a theoretical model that links to Sociolinguistics. It is defended the idea that the exchange between the Subjunctive / Indicative modes does not modify the semantic value of the sentence, constituting in fact a variable phenomenon. The methodology used includes two steps: (i) the previous survey of information in grammars, manuals and other similar normative materials, representative of the time period comprised by the analysis, and the results obtained in variational studies on the phenomenon; (ii) the empirical analysis of the phenomenon from data from personal letters dating from the twentieth century. The dependent variable is the verbal mode employed in the context of completive sentences. It includes two variants: Subjunctive forms and Indicative forms. Based on the result obtained it was possible to identify three patterns of use of the Subjunctive: 'categorical use', 'semi-categorical use' and 'variable use'. The results showed that the 'present' tense is the most frequent among the verbal regents, as well as between the variants (in the embedded sentence). Some mode-temporal morphemes of the 'semi-variable pattern' present in the variants appeared to be open to variation, being the case of the 'perfect' and 'future' tense. The contexts marked for use of Subjunctive brought significant results: the cases of Indicative occurred mainly, in situations in which the expected one was the use of the Subjunctive. In this way, it is noticed that, although subtle, the entry of Indicative in Subjunctive contexts is active. On the other hand, some structural factors tend to maintain the Subjunctive. The occurrence of Subjunctive in completive sentences is more frequent when, in the embedded sentence, we have the imperfect morpheme attached to the verb. Another factor that was conservative to the use of Subjunctive was the presence of a 'negative sentence' in the main sentence, according to the grammatical tradition.

Keywords: Linguistic variation. Brazilian Portuguese. Subjunctive. Complete sentences. Personal letters.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estudos variacionistas sobre o fenômeno da variação Subjuntivo/Indicativo com dados do português brasileiro	61
Quadro 2	Regentes Verbais encontrados no <i>corpus</i>	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo em cartas pessoais de 6 estados brasileiros (1932 – 1973)	80
Tabela 2	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo diante dos regentes verbais mais frequentes no <i>corpus</i> divididos por estado	83
Tabela 3	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os padrões de uso do Subjuntivo	85
Tabela 4	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os padrões morfológicos do verbo da oração encaixada	86
Tabela 5	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo junto aos verbos mais frequentes da oração encaixada	87
Tabela 6	Frequência de uso de Subjuntivo junto aos verbos mais frequentes da oração principal	88
Tabela 7	Frequência de uso de Subjuntivo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes	89
Tabela 8	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais do regente	90
Tabela 9	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais da oração encaixada	91
Tabela 10	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes	92
Tabela 11	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o tipo de sentença da oração principal	92
Tabela 12	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais do regente	93
Tabela 13	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais da oração encaixada	94
Tabela 14	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes	95
Tabela 15	Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o tipo de sentença da oração principal	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS	16
2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística	16
2.2 Normas Linguísticas	19
2.3 Modalidade e Modo	22
2.3.1 Modalidade	22
2.3.2 Modo	27
3 OBJETO DE ESTUDO	30
3.1 As Orações Completivas	30
3.2 A alternância Subjuntivo/Indicativo	41
3.2.1 O uso do Subjuntivo segundo a tradição gramatical	41
3.2.2 O uso do Subjuntivo segundo estudos variacionistas	45
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
4.1 O <i>corpus</i>	62
4.2 O gênero <i>carta</i>	65
4.2.1 Breve histórico sobre o gênero “carta”	65
4.2.2 A carta como instrumento de investigação linguística	67
4.3 A Análise	70
4.3.1 A delimitação da variável	71
4.3.2 Grupos de fatores linguísticos	72
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
5.1 Visão Geral dos Resultados	79
5.2 Identidade Lexical do Regente Verbal	81

5.3 Caracterização dos padrões de uso do Subjuntivo	84
5.3.1 Resultados do padrão categórico	88
5.3.2 Resultados do padrão semi-categórico	89
5.3.3 Resultados do padrão variável	93
6 CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	100

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o princípio fundamental da Linguística Histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo, não constituindo uma realidade estática. Devido ao fato dessas mudanças ocorrerem de forma lenta e gradual, os falantes podem não perceber que suas línguas estão mudando, comprovando que a história da língua se faz pelo jogo de mutação e permanência. Também é fato incontestável que esse processo passa, necessariamente, pelo fenômeno da variação, em que a convivência e a concorrência entre as formas variantes pode levar à gradual substituição de formas mais antigas (conservadoras) por formas novas (inovadoras) (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p.126).

É nesse contexto que se insere o presente estudo. Propusemo-nos a investigar a alternância em orações completivas entre os modos Subjuntivo e Indicativo no português brasileiro por meio de cartas pessoais datadas de meados do século XX. A importância de analisarmos esse fenômeno linguístico reside no fato de haver um aparente conflito entre a maneira como vem prescrito o emprego do modo Subjuntivo e o que se observa no uso linguístico concreto. Na tradição gramatical o modo Subjuntivo é comumente associado a situações de incerteza, de dúvida, de possibilidade, como podemos perceber pelas seguintes definições:

- (i) “Emprega-se o subjuntivo em orações dependentes de outras quando o seu fato verbal não é positivo, mas encerra desejo, súplica, incerteza, dúvida” (BUENO, 1963, p.316);
- (ii) “O modo subjuntivo é próprio das orações principais optativas e das subordinadas em que se considera o fato como incerto ou duvidoso” (SAID ALI, 1964, p.166);
- (iii) “O SUBJUNTIVO, expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso” (CUNHA, 1978, p.255);
- (iv) “Subjuntivo – em referência a fatos duvidosos, prováveis, possíveis” (BECHARA, 1980, p.104);
- (v) “‘Modo da possibilidade’. Usa-se para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro” (CEGALLA, 1981, p.377);
- (vi) “O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado ‘modo da possibilidade’” (MENDES DE ALMEIDA, 1981, p.226).

Essa relação entre Subjuntivo e a expressão da dúvida, do desejo, do irreal não corresponde, porém, ao que os estudos sincrônicos (ALVES NETA, 2000; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; FAGUNDES, 2007; PIMPÃO, 2012) têm revelado para o português brasileiro atual: o que se percebe é a variação entre Subjuntivo e Indicativo nos contextos em que a norma gramatical prevê o Subjuntivo, como observamos em:

- (1) *Espero que **tiveste** êxito no curso...* [SC – CP387]
- (2) *Não **pensei** que **seria** lembrada tão facilmente...* [SC – CP378]
- (3) *...**imaginando** que você **poderia** ficar pensando muito naquela carta...* [BA – CP232]
- (4) *Você erra redondamente em **julgar** que você nada **significa** para mim.* [BA – CP142]

Estas ocorrências demonstram que há o uso de formas do Indicativo em contextos nos quais a gramática tradicional prescreve o uso de Subjuntivo: em orações completivas, com verbos de dúvida, de incerteza ou volição na oração regente, como *esperar*, *pensar*, *imaginar* e *julgar*, deve-se empregar o Subjuntivo na oração encaixada, pois é o modo verbal com valor de possibilidade, de dúvida, de incerteza. Contudo, ao invés de termos este modo, temos o Indicativo na oração completiva (*tiveste*, *seria*, *poderia*, *significa*) que carregaria em si um valor de certeza em relação ao que está sendo enunciado, de acordo com a tradição gramatical.

Nosso objetivo com o presente estudo é analisar essa variação entre formas do Subjuntivo e do Indicativo no português em dados de uma sincronia passada recente (meados do século XX), de modo a confrontar as prescrições gramaticais com os usos observados nas cartas e, assim, fornecer informações para a construção do percurso histórico dessa variação. Para tanto, focalizaremos o fenômeno no contexto das orações completivas. Defendemos a ideia de que a troca entre os modos Subjuntivo/Indicativo não modifica o valor semântico da oração, constituindo de fato um fenômeno variável. No entanto, até comprovarmos esta hipótese, trabalharemos com o fenômeno em questão tratando-o como uma alternância, pois para falarmos que de fato há uma variação é necessário que antes se faça uma investigação na estrutura linguística. Sendo assim, definimos por hipótese que a variação entre os modos é influenciada por fatores estruturais da sentença; dessa forma, nossa análise dará ênfase a grupos de fatores específicos julgados fundamentais no processo de investigação linguística.

O presente estudo contém quatro seções, estruturadas da seguinte maneira:

A primeira seção, que traz os subsídios teóricos do estudo, está dedicada ao modelo teórico-metodológico que fundamenta este projeto, Teoria da Variação e Mudança Linguística

(WEINREICH, LABOV, HERZOG (2006 [1968])), como também a discussões que cercam nossas variantes, tais como Modalidade e Modo e os conceitos trazidos por Faraco (2002) e Coseriu (1979) a respeito de Normas Linguísticas.

A segunda seção traz o nosso objeto de estudo na visão de gramáticos funcionalistas além de expor os usos do modo Subjuntivo segundo a tradição gramatical, bem como apresentar as pesquisas variacionistas acerca dessa temática.

Na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. A metodologia empregada na investigação da variação entre Subjuntivo/Indicativo baseou-se no levantamento de dados conforme o fenômeno analisado. Com a amostra de cartas em mãos, realizamos a coleta de dados com o auxílio do aplicativo concordanciador, *AntConc* (ANTHONY, 2014). Os dados, codificados, foram processados por meio do programa estatístico *GoldVarb* (TAGLIAMONTE, 2006).

Na quarta seção deste trabalho, estão apresentados e interpretados os resultados obtidos na análise do *corpus* considerado. Por fim, apresentamos as conclusões desta pesquisa sobre a variação entre os modos Subjuntivo e Indicativo no português brasileiro e sua contribuição com um estudo mais amplo no qual estamos envolvidos.

2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Nesta seção, estão contidas as teorias que embasam nosso estudo. Primeiramente, discutiremos pontos importantes sobre Teoria da Variação e Mudança, base de nossa pesquisa. Em seguida, abordaremos questões referentes às normas linguísticas e suas principais fundamentações. Fechando a seção, apresentamos as discussões a respeito de modalidade e modo, pontos essenciais neste estudo.

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Sabemos que as línguas mudam com o passar do tempo, sua configuração estrutural se altera continuamente, não constituindo realidades estáticas, mas sim dinâmicas. Mesmo que a língua esteja em constante mutação, essas mudanças passam despercebidas pelos falantes, dando a sensação de que a língua está em repouso. Essa imagem da língua se deve ao próprio fato de que as mudanças linguísticas, embora ocorrendo continuamente, se dão de forma lenta e gradual, fazendo com que, por vezes, não percebamos esse fluxo histórico no nosso cotidiano de falantes (FARACO, 1991, p.09).

Além disso, como lembra Faraco (1991, p.09), “as mudanças sempre atingem partes e não o todo da língua”, o que nos leva a acreditar que a história das línguas é formada por um “complexo jogo de mutação e permanência”, fortalecendo aquela imagem estática que os falantes têm de sua língua (FARACO, 1991, p.09). No entanto, há situações em que os falantes acabam percebendo a mudança, por exemplo, quando são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem com diferentes gerações (jovens e velhos); ou ainda quando escrevem e encontram dificuldades em certas estruturas do padrão da língua escrita (FARACO, 1991, p.10).

Com base nessas situações, fica evidente que a língua passou ou está passando por mudanças. É o confronto que se tem entre uma imagem da língua e sua realidade que deixa claro que no fluxo do tempo a língua se transforma, isto é, “que estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer” (FARACO, 1991, p.10).

Weinreich, Labov e Herzog (1968) postularam cinco “problemas” a serem resolvidos pelos pesquisadores para descrever e explicar a variação e mudança linguísticas: (i) o problema dos fatores condicionantes: quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam no processo variável, como atuam e para qual mudança apontam; (ii) o problema do encaixamento: como uma determinada situação de variação ou de mudança se encaixa no sistema de relações sociais e linguísticas; (iii) o problema da avaliação: como os membros da

comunidade linguística avaliam a variação/mudança e quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo; (iv) o problema da transição: como e por quais caminhos a língua muda; (v) o problema da implementação: por que uma determinada mudança ocorre, quando e onde ela ocorre.

No entanto, se tentarmos responder a pelo menos três desses problemas (*transição, encaixamento e avaliação*), para Labov (2014), seria possível oferecer uma explicação da mudança linguística. Como em qualquer outra investigação, o autor nos lembra que “o valor de uma explicação depende de seu poder de generalização, mas somente na medida em que se apoie em evidências confiáveis e reproduzíveis” (LABOV, 2014, p.194). Assim, para se estabelecer a existência de uma mudança linguística, segundo Labov (2014) é necessário um conjunto de observações de dados de, no mínimo, duas gerações de falantes com características sociais comparáveis e que representem estágios na evolução da mesma comunidade de fala (LABOV, 2014, p.194). Como comunidade de fala, no contexto teórico-metodológico da Sociolinguística, entende-se que é um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos semelhantes e, por isso, se distinguem de outros grupos; se comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. LABOV, 2014). Assim, nas comunidades de fala, normalmente, haverá formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem) (cf. LUCCHESI, 2004).

A análise sociolinguística é, então, orientada por essas variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada, o que significa que não há um *caos linguístico*, já que o processamento, análise e sistematização são possíveis de serem processadas. Dessa maneira, percebe-se que há um sistema organizado por trás dessa heterogeneidade da língua (LUCCHESI, 2004).

Cabe lembrar que essas formas em variação são chamadas de “variantes linguísticas” e podem ser definidas da seguinte maneira:

Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística* (TARALLO, 1986, p.08).

Considerando o fenômeno que propusemos a estudar – a alternância entre os modos Subjuntivo e Indicativo em contextos previstos para uso de Subjuntivo –, identificamos duas variantes: formas verbais de Subjuntivo e formas verbais de Indicativo. O modelo teórico

defende que a escolha entre as variantes é ou pode estar sendo regida por fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais).

Dessa forma, podemos ver que a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que busca explicações para a heterogeneidade dos usos linguísticos em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua (cf. LUCCHESI, 2004).

Portanto, o estudo sociolinguístico procura descrever um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, “calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante” (LUCCHESI, 2004). Assim, será possível estabelecer uma relação entre o processo de variação na língua em um determinado momento (sincronicamente) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronicamente).

A esse modelo teórico-metodológico associado à Sociolinguística, atribui-se o fato de, além de ter sido elaborado para analisar a variação linguística na fala, em sincronias presentes, pode ser também utilizado, em seus pressupostos e sua metodologia, para descrever pressupostos de variação em sincronias passadas na perspectiva diacrônica, isto é, em *tempo real*. Fundamentalmente, postula-se que a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da estrutura da gramática de uma comunidade de fala pode refletir um processo de mudança em curso na língua, na perspectiva diacrônica. Desse modo, busca-se apreender o *tempo real* (onde se dá o desenvolvimento diacrônico da língua) no chamado *tempo aparente*. O pressuposto central do *tempo aparente* é o de que as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento refletiriam diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua. Para tanto, Chambers e Trudgill (1980, p.165) explicam:

A validade [do tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos.

A projeção (ou equivalência) do que se observa no *tempo aparente* para o que teria se passado no *tempo real* apoia-se no pressuposto de uma estabilidade do sistema, o que significa dizer que o padrão linguístico fixado por um indivíduo na adolescência ou pré-adolescência se conserva mais ou menos intacto pelo resto de sua vida; só assim podemos

imaginar que o padrão depreendido do comportamento linguístico dos falantes de 60 anos de hoje corresponderia a padrão fixado na comunidade há 40 anos (cf. LUCCHESI, 2001).

2.2 Normas Linguísticas

O conceito laboviano de mudança (como implementação) pode se beneficiar fortemente se buscarmos levar em conta no processo de “transmissão de um falante para outro” o papel da norma, como força atuando na expansão de formas inovadoras. No presente estudo, o conceito de norma ocupa um espaço de destaque.

O conceito foi formulado por Eugenio Coseriu nos anos 1950 quando repensou a teoria estruturalista. Em seu pensamento, a dicotomia saussureana *langue/parole* é expandida para sistema/norma/fala. Para Coseriu, a norma “é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1979, p.75). Toda variedade linguística, portanto, está associada a uma norma, ou pressupõe uma norma. As manifestações linguísticas de um determinado grupo/comunidade refletem o conjunto de regras usuais no grupo, os seus hábitos linguísticos.

O *falar concreto*, ou simplesmente *fala*, para Coseriu (1980, p.119), corresponde a *parole* de Saussure e, além disso, apresenta a técnica linguística como técnica efetivamente realizada. A *norma* e o *sistema*, juntos, correspondem à *langue* saussureana. A *norma* da língua contém tudo o que é “fato tradicional, comum e constante” (COSERIU, 1980, p.122), isto é, as variedades linguísticas. Se, então, a norma contém tudo o que é fato de realização tradicional, o *sistema* contém as oposições funcionais:

[...] tudo aquilo que na técnica linguística é distintivo e que, se fosse diferente, teria (ou seria) uma outra função de língua, ou não teria (nem seria) nenhuma função na língua respectiva, podendo, eventualmente, tornar-se irreconhecível (ou incompreensível). Portanto, todos os traços que assinalamos como distintivos pertencem ao sistema. (COSERIU, 1980, p.122-3)

Conforme Coseriu (1980, p.123), por ser mais ampla que o *sistema*, a *norma* comprime também os traços não funcionais, enquanto o *sistema* contém só os traços distintivos necessários para que uma unidade da língua (seja no plano da expressão seja no do conteúdo) não se confunda com outra. Além disso, graças ao *sistema*,

uma língua não é apenas aquilo que já está feito por meio da sua técnica, mas é também aquilo que, mediante esta mesma técnica, se pode fazer; não é somente passado e presente, mas possui uma dimensão de futuro (COSERIU, 1980, p.125).

Percebe-se, então, que não há somente uma norma em uso, mas inúmeras normas linguísticas sendo usadas por diferentes grupos sociais. Com base nesse conceito, é necessário estabelecer certas distinções a respeito do termo “norma”, já que ele não está atrelado somente ao que é “normativo”.

De acordo com Faraco (2002, p.38), “os grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum”. Essa língua comum passa a ser, para determinado grupo, a *norma linguística*. Nesse sentido, o termo ‘norma’ está ligado ao que de fato se usa e ao que é ‘normal’, por isso dizer que existem inúmeras normas linguísticas. Assim, temos a norma característica de comunidades rurais tradicionais, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a norma característica de populações de periferia urbana, a norma informal da classe média urbana e assim por diante (FARACO, 2002, p.38), sendo inevitável o contato entre elas, acarretando um intercâmbio social que ocasiona diversas interinfluências. Por esse motivo, Faraco (2002, p.39) afirma que “as normas são, portanto, hibridizadas”.

Do mesmo modo, há também uma parcela da população que lida mais intensamente com a cultura escrita, dando origem a um outro tipo de norma caracterizada, especificamente, pelo uso em situações formais de fala e escrita: *norma culta*. É importante que fique claro que o sentido do qualificativo ‘culto’ “diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, à cultura escrita” (FARACO, 2002, p.40), não se opondo a normas “incultas”. Dessa forma, a expressão *norma culta* deve ser entendida como aquela praticada em situações que envolvem um certo grau de formalidade e por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, especialmente por grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p.40).

Sabemos que essa designação, criada pelos próprios falantes, é fonte de vários pré-juízos e preconceitos linguísticos. O posicionamento social privilegiado dos falantes dessa norma leva-os a se representarem como “mais cultos” e, por consequência, a considerar sua norma linguística como a melhor dentre todas as outras normas do espaço social. Porém, Faraco (2002, p.40) explica que “a norma culta está também em contato com as demais normas sociais, havendo aí múltiplas interinfluências e eventuais processos de mudanças em diferentes direções”. Isso quer dizer que a norma culta não está “limpa” de traços linguísticos “incultos”, pois há sempre uma mistura dela com as diferentes normas sociais.

Com o intuito de neutralizar a variação e controlar a mudança linguística advindas do contato entre essas normas, a cultura escrita, associada ao poder social, desenvolveu, ao longo da história, “um processo fortemente unificador [...], que visou e visa uma relativa

estabilização linguística” (FARACO, 2002, p.40), resultando no que conhecemos hoje por *norma-padrão* ou *língua-padrão*.

Conforme a definição de Faraco (2002, p.41), a chamada *norma-padrão*

[...] é um complexo entrecruzamento de elementos léxico-gramaticais e outros tantos de natureza ideológica [...] que está vinculada estreitamente ao espectro de práticas socioculturais que constituem o que se pode chamar de cultura letrada em sentido amplo, isto é, as práticas culturais que envolvem não apenas atividades de leitura e escrita como tais, mas toda e qualquer atividade (mesmo que, em si, se dê apenas oralmente) que tem o processo histórico do escrever como pano de fundo.

Enquanto realidade léxico-gramatical, de acordo com Faraco (2002), a norma-padrão é um fenômeno relativamente abstrato, visto que as marcas dialetais sofrem um processo de relativo apagamento. Por esse motivo, a norma-padrão é uma referência supra-regional e transtemporal, tendo “importância e utilidade como força centrípeta no interior do vasto universo centrífugo de qualquer língua humana” (FARACO, 2002, p.42). Assim, a norma-padrão terá sempre um efeito unificador sobre as demais normas, o que não significa que não está sujeita a receber influências externas dessas mesmas normas.

No Brasil, o padrão linguístico foi criado tendo como base o modelo lusitano de escrita. A norma culta brasileira vigente na época (segunda metade do século XIX) não foi tomada como referência. Na verdade, a elite letrada conservadora se concentrou em fixar como nosso padrão o modelo de escrita praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo, visando uma homogeneidade linguística. Dessa forma, vemos que o nosso modelo de norma-padrão foi pautado em uma língua que nem mesmo os portugueses usavam, “já que o português de lá é, como qualquer língua, um emaranhado de variedades” (FARACO, 2002, p.43).

Esse processo de padronização, segundo Faraco (2002, p.44), fez com que o padrão passasse a constituir a referência com a qual os falantes dão sentido à realidade linguística, atribuindo à língua, desse modo, um caráter homogêneo, fazendo com que a variação e a mudança linguísticas fossem tratadas como desvios, erros, como não-língua. No sentido oposto a essa homogeneização, Faraco (2002, p.44) explicita:

[...] uma língua só existe como um conjunto de variedades (que se entrecruzam continuamente) e a mudança é um processo inexorável (que alcança todas as variedades em múltiplas direções).

Vemos, assim, que o padrão brasileiro é excessivamente artificial, não correspondendo ao que acontece de fato na língua. Como bem define Faraco (2002, p.46), “é a concepção do padrão como uma camisa-de-força e todos os preconceitos daí advindos”.

Com base nos dados encontrados no nosso *corpus* e diante do que extraímos das gramáticas tradicionais, fica evidente que a língua é composta por diversas *normas linguísticas* que variam segundo a sua comunidade de fala. Nosso *corpus* é composto por variedades linguísticas de três regiões e seis estados do Brasil: Nordeste (BA, PE, RN), Sudeste (RJ e MG) e Sul (SC). Dessa forma, baseando-nos nos conceitos de Faraco (2002) e Coseriu (1980), concluímos que há diversas normas linguísticas em uso em cada estado mencionado e que, por sua vez, os remetentes empregam em suas cartas a norma linguística que lhe é comum, tradicional, *normal*. Nesse sentido, a nossa pesquisa, durante a análise de dados, busca confrontar a língua escrita vigente à época das cartas (meados do século XX) utilizada pelos remetentes com a língua escrita *padrão* veiculada pelos manuais de gramática do início do século XX. Por tal motivo, o conceito de *norma* tem destaque neste estudo.

2.3 Modalidade e Modo

Nesta subseção, apresentamos alguns estudos (NEVES, 2011; ILARI e BASSO, 2014; OLIVEIRA, 2003) sobre Modalidade e Modo, dois temas que cercam nosso objeto de estudo. Sabemos que, tradicionalmente, Subjuntivo e Indicativo são dois modos verbais da língua portuguesa e, mais do que isso, expressam valores modais (deôntico e epistêmico, respectivamente) distintos que, ao primeiro olhar, não são considerados quando há a troca de um modo pelo outro.

2.3.1 Modalidade

Com base em estudos realizados sobre modalidade (NEVES, 2011; ILARI e BASSO, 2014; OLIVEIRA, 2003), é possível perceber que não há um consenso a respeito dessa questão da linguagem. De acordo com Neves (2011, p.151), o primeiro problema que surge ao investigar a modalização dos enunciados de uma língua natural está na conceituação da própria categoria ‘modalidade’, “que não é, absolutamente, pacífica”. Definir o conceito de modalidade passa a ser uma tarefa complexa, porque, além de envolver o significado das expressões modalizadas, ainda implica delimitar as noções inscritas no domínio conceitual implicado (NEVES, 2011, p.151).

Outro problema que se apresenta na investigação da modalidade refere-se à avaliação da existência ou não de modalidade em enunciados sem marca de modalização explícita. Por um lado, podemos dizer que “se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e realidade objetiva” (NEVES, 2011, p.152) é possível que existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, não se concebe

que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado, bem como deixe de imprimir nele certo grau de certeza; dessa forma, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática (NEVES, 2011, p.152).

No entanto, a tradição de estudos linguísticos tem tratado a modalização dos enunciados de outra maneira. Segundo essa visão, o termo modalidade se relaciona com o que é “possível”, “real” e “necessário”. Além disso, a tendência é ver o real como modalidade zero. Assim, na perspectiva de Neves (2011, p.152), *Falso foi o meu sonho* aparece como menos modal que *É possível que falso tenha sido o meu sonho* e menos ainda que *É necessário que falso tenha sido o meu sonho*. Por outro lado, a simples afirmação de um fato como ocorre em *No próximo correio ele virá* é sentida como menos modal do que a afirmação de uma obrigação, como *No próximo correio ele deverá vir*, ou de uma crença como *Acho que no próximo correio ele virá*.

Aos olhos de Ducrot (1993 *apud* NEVES, 2011, p.153), o conceito de modalidade é opositivo: se há modal, há não-modal. O aspecto não-modal dos enunciados viria da descrição das coisas, das informações a propósito delas, da informação objetiva. Já os aspectos modais seriam os relativos às tomadas de posição expressas ao longo do discurso. Na visão de Katny (1993 *apud* NEVES, 2011, p.153), o modo verbal Indicativo é não-marcado em termos de modalidade. Esse linguista diz que “quando a atitude do falante em relação a uma proposição é expressa por algum meio formal que não o simples indicativo, isso pode ser referido como modalidade” (NEVES, 2011, p.153). Por outro lado, temos a afirmação de Lang (1988 *apud* NEVES, 2011, p.153) de que as proposições sempre estão ao alcance de um operador modal, não podendo ser proferidas puramente.

Vemos, dessa forma, que falar de modalização não é uma tarefa fácil. No entanto, procurando mostrar que é possível conciliar todos os diferentes conceitos de modalidade, Neves (2011, p.159), com base em Kiefer (1987), discute três noções de modalidade, a saber:¹

- (i) Expressão de possibilidade e de necessidade (alética / epistêmica / deôntica):
- (5) *Você **tem que** ter um critério muito grande quando coloca um filme lá.*
- (6) *O governo não **deve** sentir avareza nem apego pela riqueza e muito menos pela propriedade, **deve** doá-las para o bem-estar público.*

¹ Os exemplos que veremos de (5) a (35), presentes nesta subseção, foram retirados do texto “A modalização da linguagem”, de Neves (2011).

(ii) Expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva):

(7) *Não **sabe** como começar sua história, por que vai mentir?*

(8) *Eles fazem mesmo, eu **sei**, porque também já estive lá sem ter culpa de crime nenhum.*

(iii) Expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas):

(9) *A Justiça **realmente** deve uma resposta ao País.*

(10) *A Kosmos é um das empresas credenciadas pelo BNH. E, **provavelmente**, é que mais se identifica com o espírito do programa habitacional.*

As duas primeiras noções, segundo Neves (2011, p.159), referem-se às proposições, não ao ato de fala, ou seja, são atitudes da pessoa a quem o sujeito da oração principal se refere; por isso, situam-se no âmbito da *dictum*. Na terceira noção, localiza-se a modalidade entendida *stricto sensu*, isto é, entendida como externa ao *dictum*.

Percebe-se, então, que há diversos tipos de modalidade encaixados nas noções apresentadas. "Necessidade" e "possibilidade" são as noções básicas tradicionalmente encontradas na subtipologização das modalidades: "Embora representem categorias distintas, essas noções não são independentes, e se resolvem em subcategorias modais" (NEVES, 2011, p.159). Essa subcategorias são assim identificadas: alética, epistêmica, deôntica, bulomaica, disposicional.

A modalidade alética (ou factual, conforme Ilari e Basso (2014)) relaciona-se exclusivamente com a verdade necessária, refletindo a escala lógica que vai do necessário ao impossível. Segundo Neves (2011, p.159), essa modalidade "é dificilmente detectada nas línguas naturais", pois é muito improvável que em um discurso comum um conteúdo afirmado em um ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante. Por essa razão, Neves (2011, p.160) esclarece:

A modalização alética não constitui matéria privilegiada de investigação quando se trata de ocorrências reais de uma língua, diferentemente da modalização deôntica e, especialmente, da epistêmica.

Com relação à modalidade epistêmica, de acordo com a autora (NEVES, 2011, p.160), ela se relaciona com a necessidade e a possibilidade epistêmicas, que são expressas pelo conhecimento do falante sobre o mundo, como ilustram os seguintes exemplos:

- (11) *Lá fora, o sol da tarde **pode** estar dourando tudo.* (possibilidade epistêmica)
- (12) - *Esta moça está lá dentro?*
- ***Deve** estar. Quer que eu mande chamá-la?* (necessidade epistêmica)

Por outro lado, a modalidade deôntica está relacionada com obrigações e permissões e, mais do que isso, está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante, implicando que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo:

- (13) *Primeiro eu vou mostrar ao senhor a baixada. Lá eu posso arranjar um animal para Ricardo, com Benedito da Olaria. Almoçamos aqui. Depois do almoço, Ricardo **pode** ir com a gente.* (possibilidade deôntica)
- (14) *Ângela, é preciso tomar cuidado e não exagerar: você não **deve** estragar Mário.* (necessidade deôntica)

A modalidade bulomaica (ou volitiva) está ligada à necessidade e à possibilidade, relacionadas aos desejos do falante (segundo Neves (2011, p.160), “no fundo, uma necessidade deôntica”):

- (15) *Não **pode** ser. Seria sorte demais... Você quer dizer que o nosso Hipólito foi traduzido por Lutércio, do grego? Meu Deus! Não **pode** ser verdade. Seria a primeira tradução conhecida, de Eurípedes, em latim. Coisa de fazer inveja até a Petrarca, meu querido!* (possibilidade bulomaica)
- (16) *Desta vez o título **deve** ser nosso.* (necessidade bulomaica)

A modalidade disposicional (ou habilitativa) refere-se à disposição, habilitação, capacitação (“no fundo, uma possibilidade deôntica” (NEVES, 2011, p.160)):

- (17) *Os reimplantes são completados. A Criatura, mesmo renga, **pode** andar.*
- (18) *O premiê britânico, John Major, disse ontem em entrevista à BBC, que a princesa Diana **deve** ter um papel “digno” na vida pública.*

Tendo apresentado, de forma breve, as subcategorias modais identificadas em Neves (2011), temos de ressaltar duas modalidades essenciais para o presente estudo: a epistêmica e a deôntica. Isso se justifica devido ao fato de estarmos trabalhando com sentenças que expressam os mesmos valores associados a essas modalidades através de seus modos verbais: o Subjuntivo e o Indicativo. Essa associação entre os valores das modalidades associados aos modos verbais será aprofundada na subseção que segue.

De acordo com Neves (2011, p.172), a avaliação epistêmica encontra-se em algum ponto do *continuum* que, “a partir de um limite preciso, onde se encontra o (absolutamente) certo, se estende pelos indefinidos graus do possível”. Assim, a modalidade epistêmica faz com que o fato mencionado imprima valor de conhecimento ou quase certeza por parte de quem produz o enunciado. Os exemplos de (19) a (29) apresentam algumas das inúmeras possibilidades oferecidas pela língua para graduar a realização do possível dentro do *continuum* da avaliação epistêmica (graus de certeza) (NEVES, 2011, p.172):

- (19) *É absolutamente possível que a história se repita.*
- (20) *É indiscutivelmente possível que a história se repita.*
- (21) *É bem possível que a história se repita.*
- (22) *É possível que a história se repita.*
- (23) *Seria possível que a história se repetisse.*
- (24) *É pouco possível que a história se repita.*
- (25) *Seria pouco possível que a história se repetisse.*
- (26) *É muito pouco possível que a história se repita.*
- (27) *Seria muito pouco possível que a história se repetisse.*
- (28) *É quase impossível que a história se repita.*
- (29) *Seria quase impossível que a história se repetisse.*

Quanto à modalidade deôntica (eixo da conduta), que transmite valor de permissão e obrigação em relação àquilo que está sendo dito, tem sido classificada em dois tipos principais (NEVES, 2011, p.174):

- (i) Obrigação moral, interna, ditada pela consciência, como em:
 - (30) *Temos que admitir que esta não é a realidade do artista brasileiro.*
- (ii) Obrigação material, externa, ditada, por imposição de circunstâncias externas, como em:
 - (31) *A oposição diz que num governo político como o de FHC vai ser necessário um representante político para a Bolsa.*
 - (32) *Aqueles que recebem ajuda da associação têm por obrigação plantar uma árvore.*

De acordo com Neves (2011, p.175), “a modalização deôntica é propícia à coocorrência de mais de uma marca modal, por exemplo, um verbo modal e um advérbio modalizador”, como vemos destacado nos seguintes exemplos:

- (33) *Se toda uma cidade busca esses mesmos criminosos, por outras ações cometidas, isso **tem que necessariamente** ficar em segundo plano.*
- (34) *O candidato à bolsa de estudos **precisa necessariamente** estar desenvolvendo uma tese que tenha uma relação com o Canadá.*

Além disso, é possível que a modalidade deôntica coocorra com a epistêmica, fazendo com que a expressão da modalidade epistêmica afete a expressão modal deôntica. Porém a relação inversa é impossível (NEVES, 2011, p.175):

- (35) *É **possível** que eu **tenha de** fazer uma viagem.*
 *É obrigatório/ permitido que seja possível eu fazer uma viagem.

2.3.2 Modo

Conforme as observações de Ilari e Basso (2014), a palavra “modo” surgiu ao longo dos tempos “como o nome da categoria morfológica realizada pela desinência do verbo que compreende como opções o indicativo, o subjuntivo e o imperativo” (ILARI e BASSO, 2014, p.194). No entanto, a compreensão da categoria de modo como um todo vai além dessa definição.

Sabemos que, na língua portuguesa, existem três modos verbais, distintos morfológicamente: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo. Ao modo Imperativo, relaciona-se a ideia de *ordem*, isto é, um certo conteúdo é objeto de uma ordem. Portanto, ao utilizar o Imperativo, “realizamos uma ação que cria para nosso interlocutor a obrigação de fazer” (ILARI e BASSO, 2014, p.196). Nessa mesma linha de reflexão, o Indicativo é o modo que nos permite falar de situações *reais*, se opondo, portanto, ao Subjuntivo, que indica fatos que consideramos *não reais*. O modo Subjuntivo possui ainda outra particularidade, conforme explicam Ilari e Basso (2014, p.196):

A palavra subjuntivo e seu sinônimo antigo, *conjuntivo*, apontam para uma peculiaridade do emprego desse modo: a grande frequência com que ele ocorre depois de uma conjunção, particularmente depois da maioria das conjunções subordinativas.

Vemos, então, que o contexto sintático ideal de ocorrências de Subjuntivo são as orações subordinadas dependentes de conjunções como: *que* (integrante), *se* (condicional),

desde que, embora, mesmo que, para que, nem que etc. Portanto, falar em Subjuntivo remete à ideia de subordinação.

Pelas definições dadas sobre os três modos verbais, a princípio eles parecem ser três linhas ou dimensões que não se encontram. Porém, há um elemento comum entre eles: a modalidade (ILARI e BASSO, 2014, p.202):

Ao modalizar, o falante considera um determinado estado de coisas, geralmente real, à luz de alternativas que têm seus limites fixados a partir de um fundo de conhecimentos, valores ou obrigações que se consideram estabelecidos e compartilhados entre o falante e seu interlocutor, num determinado momento. Modalizar é uma forma de evocar e reafirmar esses limites, e isso explica, ao menos em parte, a forte repercussão que a modalização tem nas relações pessoais.

Neste sentido, podemos dizer que os três modos verbais da língua portuguesa têm seus significados diretamente ligados a duas dentre as modalidades apresentadas: a epistêmica e a deôntica (como mencionado na subseção “Modalidade”).

Com base nos estudos de Oliveira (2003, p.258), o modo Imperativo se relaciona à modalidade deôntica, pois seu significado está ligado diretamente à ordem, ao que é obrigado ou permitido. Sobre o modo Subjuntivo, sabemos que ele tem seu significado “tradicionalmente associado ao domínio da incerteza, eventualidade ou dúvida” (OLIVEIRA, 2003, p. 258). Embora a autora destaque que o uso do Subjuntivo dependa de aspectos lexicais e sintáticos do contexto, afirma:

[...] o fato de haver contextos em que a alternância de modo determina distinções semânticas, advoga no sentido de se considerar que há um conteúdo semântico na distinção entre os modos. (OLIVEIRA, 2003, p.258)

Sendo assim, o que se entende é que quando houvesse uma alternância entre os modos Indicativo e Subjuntivo, haveria uma distinção semântica no conteúdo, como nos exemplos:

(36) *A Ana quer comprar uma casa que tem dois quartos.*

(37) *A Ana quer comprar uma casa que tenha dois quartos.*

Nestes exemplos, a alternância entre Indicativo/Subjuntivo induz a leituras diferentes. No exemplo (36), infere-se a existência da casa, portanto, diferente de (37), no qual isso não é possível² (cf. OLIVEIRA, 2003).

Além disso, a distinção entre Subjuntivo e Indicativo na sua relação com diferentes modalidades, é, segundo Oliveira (2003, p.257), “bastante mais complexa por duas razões

² No contexto de oração relativa realmente parece que o uso de um modo ou de outro faz diferença. Mas estudos variacionistas mostram que nem sempre é o que se dá em outros contextos, como em substantivas e adverbiais.

fundamentais”. Em primeiro lugar, não existe somente um significado entre os dois modos e distinções modais, pois “a cada modo pode associar-se mais do que uma modalidade” (OLIVEIRA, 2003, p.258). Em segundo lugar, “as ocorrências dos diferentes modos nem sempre parecem ter uma relação direta com distintos tipos de modalidade” (OLIVEIRA, 2003, p.258). Isso quer dizer que o Subjuntivo, pela tradição, associado ao domínio da incerteza, pode aparecer em construções em que esperaríamos o modo Indicativo e vice-versa, como demonstrado nos exemplos (38) e (39) (cf. OLIVEIRA, 2003):

(38) *A Ana lamenta que estejas doente.*

(39) *O João crê que a Rita está em casa.*

Nestes exemplos, o esperado seria que um verbo como *lamentar*, em que se afirma a verdade na oração subordinada, selecionasse o modo Indicativo e não Subjuntivo (*A Ana lamenta que está doente*), e que *crer*, um verbo que não afirma a verdade da oração encaixada, selecionasse Subjuntivo (*O João crê que a Rita esteja em casa*), como o prescrito nas gramáticas tradicionais, e não Indicativo.

Por estas razões, para a autora, a análise do Subjuntivo tem sido controversa, pois não está claro se de fato as suas formas são portadoras de significado ou se são semanticamente vazias, surgindo apenas por exigências das construções sintáticas. Por tal motivo, como já mencionado, Oliveira afirma que o uso de Subjuntivo é dependente do contexto linguístico, tanto de ordem semântica como sintática.

3 OBJETO DE ESTUDO

Sabendo que nosso objeto de estudo é a alternância entre os modos Subjuntivo e Indicativo em contextos de orações completivas, nesta seção, apresentamos o Subjuntivo conforme a tradição gramatical e estudos variacionistas. Procuramos identificar, em um primeiro momento, as regras normativas para podermos, mais a frente, verificar se o uso converge com o que aparece nas cartas. Assim, como vimos, o Subjuntivo está atrelado a duas modalidades: epistêmica e deôntica, com verbos que expressam valores de conhecimento e crença ou de obrigação e permissão. Desse modo, podemos elencar, de acordo com a gramática tradicional, regras para a seleção do Subjuntivo diante de verbos que transmitem estes valores. Além disso, focalizamos na primeira subseção, o tipo de oração complexa que selecionamos neste estudo: as orações completivas.

3.1 As Orações Completivas

Nesta subseção, a noção que traremos a respeito das orações completivas (ou encaixadas) é de caráter funcional, considerando que “uma sentença pode ser considerada argumento de um predicado (verbal, nominal, adjetival) se ocorre em posição argumental semelhante à de um termo simples” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.70). Nesse sentido, quando a sentença estiver substituindo um componente sintático como o *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto* e *complemento nominal e adjetival*, o valor atribuído a eles passa a valer para a sentença encaixada.

Com relação aos tipos de sentenças subordinadas da oração matriz, podemos dizer que, pela tradição gramatical, são identificadas como *orações subordinadas substantivas* (1) *subjativa*, (2) *objetiva direta*, (3) *objetiva indireta*, (4) *completiva nominal*, (5) *predicativa* e (6) *apostiva*. Em razão do ambiente sintático em que ocorrem, as orações têm função equivalente, respectivamente, aos termos sintáticos (i) *sujeito*, (ii) *objeto direto*, (iii) *objeto indireto*, (iv) *complemento nominal*, (v) *predicativo* e (vi) *aposto*, que funcionam, a exceção do constituinte *predicativo*, como argumentos de um predicado.

Dos tipos de sentenças subordinadas substantivas apresentadas, nosso trabalho focaliza somente três (*subjativa*, *objetiva direta* e *objetiva indireta*), pois funcionam como argumentos de um predicado verbal cujo verbo é um dos fatores de análise de dados – regente verbal. Nesse sentido, nossa análise contempla principalmente orações completivas de verbos; incluem-se completivas associadas a nomes e adjetivos em que o elemento nominal compõe um predicativo (como em *é possível*, *é maravilhoso*, *é verdade*) que seleciona uma oração

completiva subjetiva (*é possível que os livros cheguem amanhã*) (cf. BORBA, 1996, p.148). Dessa maneira, delimitamos nosso fenômeno em estudo considerando apenas os casos de encaixamento estrito de sentença, ou seja, apenas os casos de sentenças diretamente encaixadas em posição de argumento/complemento de predicado verbal.

De acordo com Gonçalves *et al* (2016), temos vários **tipos semânticos** de predicado encaixador de sentenças. Os critérios seguidos para esta classificação baseiam-se exclusivamente no significado expresso pelos predicados. Os predicados verbais têm como complemento uma sentença em posição de *sujeito* (sentenças subjetivas) ou em posição de *objeto* (sentenças objetivas diretas e indiretas). Em virtude disso, discutiremos a seguir os tipos de predicados verbais elencados em Gonçalves *et al* (2016), exemplificados sempre que possível com ocorrências do nosso *corpus* de análise.

a) Predicados de elocução: “descrevem a realização de um ato de fala, cujo conteúdo está codificado na sentença-complemento [...]” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.76). Este tipo de predicado pode ocorrer com os verbos *dizer, falar, afirmar, contar, aconselhar, perguntar, prometer, explicar, colocar, lembrar e confessar*.

(40) ...*ela me disse que eu tinha direito de te convidar...* [RN –CP357]³

(41) ...*aconselho que você procure válvulas de escapeamento*. [BA – CP208]

b) Predicados de manipulação: “expressam a atitude de um sujeito por meio da qual um outro sujeito é compelido, autorizado ou impedido de realizar a ação expressa no complemento sentencial [...]” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.77). Os verbos indicados como predicados de manipulação são *mandar, fazer (com que), pedir, gostar(-ia que), deixar, impedir, proibir, exigir e querer*. No entanto, percebe-se que, entre os predicados de manipulação, há uma diferença com relação à intensidade da manipulação que eles expressam. De acordo com o observado pelos autores, o predicado *mandar* indica uma manipulação mais forte do que os predicados *fazer* e *pedir*, e a forma *gostaria que* expressa manipulação ainda mais fraca do que a dos demais predicados desse grupo. Quanto aos dois predicados *deixar* e *impedir*, que expressam uma autorização dada (ou não) a um sujeito, parece não haver diferença em relação à intensidade da manipulação expressa. Por outro lado, a ação manipulativa de *proibir* é claramente mais forte do que a

³ Essa sigla que aparece ao final da sentença é o código da carta pessoal, assim sabemos a que estado pertence e qual seu número no arquivo geral de cartas.

expressa por *não deixar*. Além disso, temos o verbo *querer* que se comporta como predicado de manipulação, porém a ação manipulativa decorre do significado de volição expresso pelo verbo, como explicitam os autores:

A realização do evento desejado presente na sentença completiva sempre cabe a outro sujeito que não aquele que manifesta a sua vontade. [...] Note-se, porém, que *querer* só funciona como predicado de manipulação quando a vontade é expressa pelo próprio falante (1ª pessoa) e no momento da enunciação (com verbo na forma do presente do indicativo) [exemplo (42)]. Com o sujeito na 3ª pessoa e/ou *querer* na forma de passado, não se subentende o sentido de manipulação, e *querer* expressa apenas volição [...] [exemplo (43)]. (GONÇALVES et al, 2016, p.78 – grifos do autor).

(42) ***Quero*** que você me compreenda como eu lhe compreendi. [BA – CP191]

(43) ...algumas frases suas, motivaram para que eu ficasse indeciso se verdadeiramente você ***queria*** que eu lhe escrevesse. [BA – CP164]

c) Predicados de volição: o objeto de vontade/desejo do sujeito da sentença matriz está presente no estado de coisas da oração encaixada. São exemplos dessa classe de predicado as ocorrências com *querer*, em (43), e *desejar*, em (44):

(44) ***Desejo*** muito, que tudo aí esteja correndo normalmente e que você enfim obtenha tudo o que agora almeja. [BA – CP176]

d) Predicados causativos: “indicam que o estado de coisas expresso na sentença matriz de algum modo causa a realização do evento no complemento sentencial” (GONÇALVES et al, 2016, p.79). Como predicados causativos, temos *fazer* (com *que*) (exemplo (45)) e, além dele, a GPCFB também cita o verbo *levar* (exemplo (46)).

(45) ...hoje ele ***faz com que*** eu me confesse à você e lhe diga que agora eu conto totalmente, cegamente com a sua compreensão... [BA – CP207]

(46) ...a segunda razão seria o fato que nos ***leva*** a pensar na arte nascendo ligada à magia... [GPCFB]⁴

e) Predicados de cognição e percepção: “expressam conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal, ou percepção direta, por esse sujeito, de eventos do mundo real” (GONÇALVES et al, 2016, p.79). No nosso *corpus*, não

⁴ A sigla GPCFB entre os colchetes ao final dos exemplos sinaliza que estes foram retirados do capítulo “As construções subordinadas substantivas”, da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*.

trabalhamos com ocorrências desse tipo de predicado, pois os verbos classificados como cognitivos e perceptivos não selecionam o modo Subjuntivo em suas sentenças encaixadas, porém a GPCFB traz exemplos com os verbos *saber* (exemplo (47)) e *aprender* (exemplo (48)) como predicados de cognição, e *ver* (exemplo (49)), *assistir* (exemplo (50)), *observar* e *notar* como predicados de percepção.

- (47) *foi circunstâncias que não favoreceram que eu não:... não consegui no Itamaraty... () não não consegui não... nem cheguei a tentar... acrescido do fato que que aí depois soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo... (= aquisição de conhecimento) [GPCFB]*
- (48) *agora ele está com seis anos... e ele aprendeu a ler... (= aquisição de conhecimento) [GPCFB]*
- (49) *você em Olinda ainda vê vez por outra um piano passar na cabeça... [GPCFB]*
- (50) *a estrada estava impedida a serra todos os carros no acostamento... para passar aquele negócio nós levamos uma hora e tanto só... assistindo o caminhão subir... porque não passava mais ninguém né? [GPCFB]*

- f) Predicados de atitude: “descrevem uma atitude do referente do sujeito da sentença principal em relação ao conteúdo da sentença completiva.” (GONÇALVES *et al.*, 2016, p.80). Com relação à atitude do sujeito, ela pode ser (i) *beneficente*, que atinge um beneficiário (exemplo (51)); (ii) *subjativa emocional*, que envolve experiência emocional de um experienciador (exemplo (52)); (iii) *subjativa não emocional* (exemplo (53)) e (iv) *subjativa avaliativa* (exemplo (54)). Cada uma destas atitudes abrange diversos predicados verbais. No *corpus* analisado na GPCFB, os autores encontraram como predicados de atitude: *ajudar, ensinar, mostrar, demonstrar* (atitude beneficente); *imaginar, pensar, supor, digamos que, (vamos) dizer que, concluir, compreender, entender, ouvir, perceber, preferir, resolver, constatar, preocupar-se, lembrar, hesitar, dispor-se, propor-se, evitar, negar-se, encarregar-se, admitir, garantir, concordar, incumbir-se, limitar-se, preparar-se, sentir* (subjativa não emocional); *adorar, desejar, gostar, esperar, lastimar* (subjativa emocional); *achar e pensar* (subjativa avaliativa) (cf. GONÇALVES *et al.*, 2016).

- (51) A. *sempre tinha uma comadre que tá ali **ajudando** o sujeito a morrer... porque tudo se ajuda até morrer...* [GPCFB]
 B. *...meu pai resolveu botar um professor... primeira vez, foi ele que quis me **ensinar** a nadar* [GPCFB]
- (52) A. *...o menino gosta muito de mecânica o::de treze anos né? Gosta muito de mecânica **gosta** muito de mexer com coisas... e::: gosta mais da parte prática porque ele **VI**ve no mundo da lua... sabe?* [GPCFB]
 B. *agora ele está com seis anos... e ele aprendeu a ler... então... ele **lastima** não ter e:::aprendido antes a ler... embora sempre eu quisesse alfabetizar...* [GPCFB]
- (53) A. *e agora mesmo o governo... **se propõe**... a estabelecer... uma um tipo de sociedade onde as franquias... democráticas através de uma série de reformas que estão sendo levadas... agora mesmo ao Congresso... e que visam evidentemente... o restabelecimento daquelas franquias... ou daquelas determinadas condições... que são fundamentais... numa sociedade... democrática...* [GPCFB]
 B. *...bem nós VA:MOS não é **admitir**... aqui... em aula... que: existe uma: complementaridade entre esses três saberes...* [GPCFB]
- (54) A. *o governo **acha** que a solução do, do chamado mundo econômico é a UPC* [GPCFB]
 B. *mataram lá um jacaré uma ocasião e prepararam e **pensavam** assim que eu fosse uma pessoa muito, muito estranha pra come(r) né, porque era da cidade, assim que não me disseram nada, mas pararam lá e disseram, peixe e tal, pescamos aqui no açude, não sei o quê e tal e eu comi e realmente, mas era uma gostosura e tal...* [GPCFB]

g) Predicados de modalidade: “expressam vários significados modais que o falante, no momento da comunicação, imprime ao seu enunciado” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.81). Quando o falante imprime opinião, revelando certeza ou descomprometimento com aquilo que está descrito na encaixada, o predicado é *epistêmico* (exemplos (55) e (56)). Por outro lado, quando os predicados “indicam uma avaliação do falante segundo a qual o estado de coisas descrito na encaixada é obrigatório, ou praticamente irrealizável [...]” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.81) são *deônticos* (exemplo (57)).

- (55) *Descrerei em poucas linhas porque mesmo se me transformasse num dos maiores poetas do mundo, no praso de um ano **acho** que seria impossível descreve-los.* [RN – CP346]
- (56) *...porém, **acredito** mesmo que a[há] bôa vontade e sinceridade...* [RN – CP340]
- (57) *É bem **possível** que troquem ideias sobre nós...* [RN – CP349]

h) Predicados avaliativos: “expressam uma avaliação subjetiva do falante em relação a um estado de coisas [as quais avalia] em termos de importância, de interesse etc., como expressam os predicados *importar* e *interessar*”. (GONÇALVES *et al*, 2016, p.82).

(58) ...*pouco me importa o modo que você compreenda isto.* [BA – CP176]

(59) *a nós interessa apenas que vocês vejam a diferença que existe* [GPCFB]

i) Predicado de realização: indica, por meio da afirmação ou negação, se o estado de coisas da sentença completiva se realizou ou não. O tipo de verbo que se encontra neste predicado é *conseguir*.

(60) *a estrada não estava por sinal pronta... ainda estava em terraplanagem mas eu passei... consegui passar* [GPCFB]

(61) *a gente vai pensar no homem do paleolítico superior... como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente...* [GPCFB]

j) Predicados de acontecimento: indicam a ocorrência do estado de coisas expresso na sentença encaixada. Como predicados de acontecimento há apenas dois verbos mencionados pela GPCFB: *vai acontecer* e *ocorrer*.

(62) *Eu recebi aqui meu ordenado e entreguei, (es)tá... agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs, o que vai acontecer é que, eu vou pagar um pouquinho menos no outro mês vou pagar um pouquinho menos, porque diminuiu as UPCs* [GPCFB]

(63) *Mas pode ocorrer... e ocorre naturalmente... que o professor solicite diferentes processos mentais de seus alunos* [GPCFB]

k) Predicados metalinguísticos: “indicam relações que se estabelecem entre partes do discurso e que podem ser de dois tipos: relação de *explicação* [exemplo (64)] e relação de *dedução*” [exemplos (65)]. (GONÇALVES *et al*, 2016, p.85). Os predicados enquadrados nessa classe são: *mostrar*, *significar* e (*querer/equivaler a*) *dizer*.

(64) ...“*esses saberes fundamentais sobre o jurídico... são ciências...*” *esses três saberes não é? “são ciências no sentido de que... representam um conjunto or-de-na-do de definições... CLASSIFICAÇÕES e proposições... sobre relações... pertinentes ao direito...” mostra... num é? nesse trechinho... ou nessa citação... que os três... saberes... ou três perspectivas ou três linhas ou três maneiras... de se olhar o direito...*

mostra que... todas três... na realidade... definem... classificam... e têm... proposições... sobre as relações... pertinentes ao direito... [GPCFB]

(65) A. vamos dizer que o conhecimento... da filosofia do direito num é? sobre o fenômeno jurídico... ele transcende... à pesquisa... isso **significa**... daí não haver rigor no estudo... [GPCFB]

B. do ponto de vista geral... então nós temos... para adiante... o limite... do mediastino anterior... é aquela linha passada... diante da traqueia... então **equivale dizer**... lembro a vocês... que a traqueia... com a sua bifurcação... pertence ao mediastino posterior... [GPCFB]

Por outro lado, além de termos estes vários tipos semânticos de predicado encaixador de sentenças, os predicados também podem ser classificados em termos **pragmático-discursivos**. De acordo com o exposto na GPCFB, “alguns desses predicados têm como característica o fato de o conteúdo da sentença nele encaixada ser pressuposto como um estado de coisas realizado ou como uma proposição verdadeira” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.91). Nesse sentido, o complemento verbal é tido como um fato verdadeiro, independentemente de o predicado aparecer afirmado [exemplo (66)] ou negado [exemplo (67)]. Para os predicados que apresentam este tipo de funcionamento, damos o nome de *factivos*. Um predicado deste tipo é *saber*, como demonstrado pelos exemplos:

(66) *Você **sabe** que estou me referindo ao incidente que se deu depois do Carnaval...* [BA – CP146]

(67) ***Não sabeis** que na mão do artista não há matéria por mais humilde que seja...* [BA – CP152]

Por outro lado, temos os predicados que não apresentam esse comportamento, ou seja, o conteúdo da sentença completiva não é pressuposto como verdadeiro, sendo denominados *predicados não factivos*, com verbos do tipo de *achar* e *acreditar* (cf. GONÇALVES *et al*, 2016).

(68) *Eu **acho** que você está desconfiado...* [SC – CP373]

(69) *...preferem não **acreditar** numa verdade que talvez não lhes agrade.* [BA – CP181]

Porém, há também aqueles predicados que alteram seus valores pressuposicionais adequando-se ao funcionamento do discurso. Um exemplo deste caso aparece com o predicado *dizer* que, geralmente, comporta-se como *não factivo*, isto é, o conteúdo da sentença que o complementa não é entendido como verdadeiro:

(70) *Dizem que sou muito menina.* [BA – CP181]

(71) *Dizem até que ia fugindo quando soube da transformação...* [BA – CP126]

No entanto, ao verbo *dizer* também pode ser atribuído o valor de um *predicado factivo*. Isso pode ocorrer “se o conteúdo da sentença completiva de *dizer* equivale a um ato de fala já enunciado e que é reintroduzido na conversa [...]” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.92), conforme observamos em:

(72) *Eu lhe disse que a minha casa estava aberta para você...* [BA – CP209]

(73) *Lila me disse que você está bem disposto.* [BA – CP204]

É importante salientar que, em casos como esses, “a factividade não está no predicado *dizer* em si, mas decorre de um acordo tácito entre os participantes do discurso em aceitar o conteúdo da sentença completiva como verdadeiro”. (GONÇALVES *et al*, 2016, p.92)

Dos predicados analisados no *corpus* da GPCFB, comportam-se como *factivos* os seguintes predicados: *saber* (cognição); *notar*, *compreender*, *perceber*, *(dar-se) conta*, *constatar* (atitude subjetiva não emocional); *lastimar* (atitude subjetiva emocional); *engraçado*, *lamentável* (avaliativos); e *fato* (anunciativo). Por outro lado, os que se comportam como *não factivos* são: todos os de elocução, com exceção das ocorrências de *dizer*, todos os predicados (verbais e nominais) de modalidade epistêmica (exceto *saber*) e avaliativos e todos os predicados metalinguísticos; *ajudar*, *ensinar*, *mostrar*, *demonstrar* (atitude beneficente); *esperar* (atitude subjetiva emocional); *achar*, *pensar* (atitude subjetiva avaliativa); *imaginar*, *pensar*, *supor*, *digamos que*, *vamos dizer que*, *concluir*, *entender*, *preferir*, *hesitar*, *admitir*, *garantir*, *concordar*, *(chegar a) conclusão* (atitude subjetiva não emocional); e *assunto*, *conceito* (anunciativos) (cf. GONÇALVES *et al*, 2016).

Além disso, há predicados encaixadores de sentenças cujo conteúdo não é avaliado como uma proposição verdadeira, mas como um evento realizado ou não realizado. Na verdade, são predicados que selecionam um estado de coisas como complemento, em vez de uma proposição, sendo denominados *predicados implicativos*. A GPCFB (2016, p.93) traz como exemplo para este tipo de predicado o verbo *conseguir*:

(74) *Em alguns desenhos das cavernas principalmente em Altamira... há uma fidelidade... linear à natureza... que consegue mostrar os animais:: em pleno movimento... então o animal saltando... e conseguem transmitir para a gente exatamente essa ideia de movimento... através:: exclusivamente de linhas...* [GPCFB]

(= os desenhos mostram os animais em pleno movimento)

Sendo assim, notamos que, a partir da ocorrência, quando esse predicado é afirmado, entende-se que o evento na sentença completiva se realiza. Logo, quando o predicado *conseguir* aparece negado, entende-se que o evento não foi realizado, como observado em (GONÇALVES *et al*, 2016, p.93):

(75) *a gente vai pensar no homem paleolítico superior... como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente...* [GPCFB]

(= o homem do paleolítico não se organizou socialmente nem politicamente)

Em contrapartida, temos os predicados *não implicativos* que são “aqueles que selecionam como complemento um estado de coisas que não pode ser pressuposto como realizado ou não realizado” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.94), como demonstrado em:

(76) *...ela não queria que eu enviasse o original.* [BA – CP189] (= posso ter enviado ou não o original)

(77) *...algumas frases suas, motivaram para que eu ficasse indeciso se verdadeiramente você queria que eu lhe escrevesse.* [BA – CP164] (= posso ou não ter escrito)

Dos predicados analisados na GPCFB, comportam-se como *implicativos* os seguintes: *levar a, fazer com que* (causativo), *fazer com que* (manipulação), *ver, assistir, observar* (percepção direta), *aprender* (cognição), *lembrar-se, negar-se, (fazer) questão, conseguir* (realização), *(ter) prazer* (atitude subjetiva emocional), *(ter) condição* (deôntico-capacidade), *engraçado, lamentável* (avaliativo); *(dar-se ao) luxo* (deôntico-permissão) (cf. GONÇALVES, 2016).

Os predicados que se comportam como *não implicativos* são: todos os de acontecimento e aspectuais; *mandar, impedir, deixar, proibir, pedir, exigir, querer, gostar(-ia que), forçado, impelido* (manipulação); *(dar/ter) vontade* (volição); *adorar, gostar* (atitude subjetiva emocional); *(fazer) força, resolver, dispor-se, propor-se, evitar, encarregar-se, incumbir-se, limitar-se, preparar-se, preocupado, (ter) preocupação, (ter) medo* (atitude subjetiva não emocional); *problema, besteira, dificuldade/facilidade, importância, sentido, moleza, (valer a) pena, delícia, melhor, interessante, importante, fácil/difícil* (avaliativo); *questão, necessidade, preciso, (sentir-se) obrigado, (ter) obrigação, deixar, proibido, apto, (ter) capacidade, capaz* (deônticos) (cf. GONÇALVES *et al*, 2016).

Em suma, o que fizemos até aqui foi apresentar os tipos de predicados verbais que podem aparecer nas orações complexas, abrangendo, nessa apresentação, uma caracterização de aspectos semânticos e pragmático-discursivos das sentenças completivas. Por conta disso, a abordagem funcionalista encaixa-se no presente estudo, visto que o funcionamento das sentenças encaixadas está ligado ao valor atribuído ao predicado, o que levaremos em conta no momento da análise dos dados.

Além disso, é preciso ressaltar outro aspecto importante à nossa análise: a correlação modo-temporal entre sentença matriz e encaixada. No *corpus* analisado na GPCFB, observou-se que a organização modo-temporal mais frequente em sentenças finitas⁵ ocorre com o presente do Indicativo na sentença matriz e na sentença encaixada; diferentemente das sentenças não finitas que geralmente aparecem com o verbo da matriz no presente do Indicativo e o complemento no infinitivo.

Ao mesmo tempo, “fatores semânticos, sintáticos e discursivos constitutivos das sentenças substantivas explicam relações de dependência entre a sentença matriz e a sua encaixada [...]” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.110), no que se refere aos tempos verbais que podem ser *dependentes* ou *independentes*. Com relação a isso, os autores explicam:

A base do padrão de complementação está no significado da relação entre a matriz e seu complemento e a função discursiva que esse complemento desempenha, o que pressupõe uma organização gramatical orientada pela matriz. [...] Desse modo, a referência temporal da encaixada é dependente se algum aspecto de seu significado ou interpretação decorrer da informação dada na matriz. (GONÇALVES *et al*, 2016, p.110)

Ou seja, a oração encaixada que possui um complemento com referência temporal dependente está ligada a um estado de coisas localizado na referência temporal da oração matriz, como em:

- (78) *Prometi também que a aula de ho:je seria... alguma coisa... num é? liga:da a esse estudo que vocês fizeram...* [GPCFB]
- (79) *e prometi... também... prometi também... que: diria a vocês se... eu iria exigir cobrar... algo do que vocês já fizeram... e que deixaria isso pra dizer hoje* [GPCFB]

Com relação aos modos verbais Indicativo e Subjuntivo, em sentenças completivas, funcionam de maneiras distintas. Segundo as considerações feitas pelos estudiosos, “a essência do subjuntivo na complementação é a codificação de complementos que são de alguma maneira dependentes” (GONÇALVES *et al*, 2016, p.110), diferindo do Indicativo que

⁵ Em sua *forma finita*, o verbo da sentença encaixada recebe marcas de flexão de tempo e de modo, diferentemente do verbo na forma *não finita*, que aparece em uma de suas formas nominais possíveis (infinitivo, gerúndio ou particípio) (cf. GONÇALVES *et al*, 2016).

se aproxima de uma sentença declarativa simples, isto é, independente, como demonstrado nos exemplos retirados da gramática:

- (80) *Poderíamos inclusive estabelecer... como uma das diferenças... a questão por exemplo acredito eu que... da assistência MÉdica hospitalar... que eu acredito que as cooperativas não... prestam... aos seus associados elas são... meramente... órgãos... de desenvolvimento econômico... entendeu? Por exemplo a cooperativa dos usineiros... **acredito que** ela presta... aos usineiros... informações sobre: o mercado... sobre as condições econômicas... ou sobre digamos assim... questões referentes a determinados... tipos de: de PREÇOS [GPCFB]*
- (81) *O presidente é eleito evidentemente... pelos associados... **acredito que seja...** por uma votação... do tipo que classificamos como maioria absoluta... cinquenta por cento mais um... [GPCFB]*

Nas ocorrências acima, com o verbo de modalidade *acreditar*, o mesmo informante, traz a sentença encaixada no Indicativo, expressando opinião pessoal do informante, e no Subjuntivo, ao exprimir informações de validade incerta. A justificativa para esse tipo de ocorrência é dada da seguinte forma:

Em português, uma língua que faz distinção entre os modos indicativo e subjuntivo, nem todo complemento dependente, no entanto, é codificado com subjuntivo, decorrência possível do fato de, no português falado, o uso do subjuntivo estar sujeito à variação e poder ser codificado pelas formas de indicativo (GONÇALVES *et al*, 2016, p.111).

Portanto, a partir dessas considerações a respeito das orações completivas, seu funcionamento e os valores a elas atribuídos com os diversos tipos de predicados verbais semânticos e pragmático-discursivos, buscamos, com a nossa análise dos dados, encontrar motivações de ordem estrutural que levem à alternância ou à variação entre os modos Indicativo e Subjuntivo.

Cabe ressaltar que nosso contexto de análise abrange apenas alguns tipos de verbo dentre todos os mencionados ao longo da subseção, visto que esse contexto é composto de orações completivas que, tradicionalmente, são pré-determinadas para o uso de Subjuntivo. Dessa forma, durante a análise, nos depararemos com verbos de *manipulação* (pedir, fazer (com), deixar, impedir, exigir, querer), de *volição* (desejar e querer), de *atitude* (pensar, desejar, gostar, esperar, lastimar), *causativos* (fazer (com)) e de *modalidade* (deôntica e epistêmica).

3.2 A alternância Subjuntivo/Indicativo

3.2.1 O uso do Subjuntivo segundo a tradição gramatical

São variadas as definições encontradas nas gramáticas para o modo Subjuntivo, porém todas convergem para um mesmo ponto: é o modo da possibilidade, da dúvida, da incerteza, da suposição. É sob este aspecto que os gramáticos descrevem os diversos usos do Subjuntivo, seu emprego, sua função dentro da oração. Nesse sentido, podemos observar que os gramáticos buscaram fixar regras de ocorrência desse modo, que incluem, entre outros aspectos, o tipo de oração em que esse modo verbal “deve” aparecer. Por outro lado, podemos encontrar, também, uma gramática que menciona a possível alternância do modo Subjuntivo como o modo Indicativo, dizendo que em determinadas situações a troca de modos verbais é permitida, como veremos na sequência.

De acordo com as gramáticas do início do século XX, o Subjuntivo é o modo “que enuncia o fato verbal de um modo subordinado a algum verbo a que se junta para formar sentido perfeito” (PEREIRA, 1907, p.93). Entende-se, assim, que este modo verbal ocorre em orações subordinadas para completar o sentido de uma oração anterior, a principal. Porém, deve-se ressaltar que seu uso só é permitido se, nesta relação de dependência entre orações, o fato for duvidoso ou indeterminado, pois, no caso contrário, o Subjuntivo é substituído pelo Indicativo (cf. PEREIRA, 1907).

Quanto às orações subordinadas, alguns tipos de orações permitem ou até mesmo exigem o uso do modo Subjuntivo. Destacamos o que os autores trazem sobre o contexto focalizado em nosso estudo – as orações completivas. De acordo com a gramática de João Ribeiro (1889, p.246), existem regras de uso para este modo verbal:

1.O verbo da subordinada põe-se no subjuntivo quando a principal exprime maneira de ver, pensar: Creio que *serás* bom; parece-me que ele *é* doutor; 2. O verbo da subordinada põe-se no indicativo⁶ quando a principal exprime surpresa, admiração, receio, dúvida, ordem: mando que *vás*; receio que *morras*; 3. O verbo da subordinada fica no subjuntivo quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente: *importa* que *fiques*; *basta* que *chegue* a hora [...].

Além destas regras, Said Ali (1923) observou que existem alguns verbos que pedem ou permitem o Subjuntivo. Os verbos *permitir*, *consentir*, *admitir*, *obstar*, *impedir*, *proibir*, *recomendar*, *aconselhar*, *ordenar*, *fazer* (significando *ocasionar*, *causar*) e outros de sentido

⁶Notamos que no trecho retirado da gramática de João Ribeiro houve um erro de digitação. Onde se lê no item 2 ‘indicativo’, na realidade deve-se colocar ‘subjuntivo’, pois os exemplos que esta gramática traz estão no modo subjuntivo (*vás*, *morras*).

análogo a qualquer destes pedem o modo Subjuntivo na oração complementar. Vejamos alguns exemplos que o autor apresenta (ALI, 1923, p. 231):

- (78) *Consentiu que o **acompanhássemos** na jornada.*
- (79) *Aconselhou que não **manifestassem** o descontentamento.*
- (80) *Não podes **impedir** que as cousas **pareçam** o que são.*
- (81) *Mandou que lhe **trouxessem** um escapulário.*
- (82) *O ar puro e imóvel **faz** que as fontes **corram** e não **murmurem**. (M. Aires)*
- (83) ***Fazem** que se **atreva** Fernão Veloso a ir ver da terra o trato. (Camões)*

Do mesmo modo, *querer* e *pedir* (e seus sinônimos, como *rogar*, *suplicar*, *implorar*, etc.) exigem na oração complementar, que tem início com a partícula *que*, o verbo no Subjuntivo como forma própria para denotar fatos cuja realização se deseja:

- (84) ***Queria** que todos o **servissem**.*
- (85) ***Peço** a Deus que te **proteja**.*
- (86) ***Suplico-te** que me **escutes** um momento.*

Ainda, quando a oração é complemento de verbos, substantivos e adjetivos que possuem valor de *desejo*, *esperança*, *prazer*, *desgosto*, *pesar* e outros sentimentos, o verbo deve vir no Subjuntivo (ALI, 1923, p.232):

- (87) ***Receio** que todos os esforços **sejam** inúteis.*
- (88) ***Desejavas** que eu **fosse** teu sócio.*
- (89) ***Receoso** de que **morresse** afogado.*
- (90) ***Lamento** que teus padecimentos não **tenham** minorado.*
- (91) ***Folgo** que **estejas** restabelecido.*
- (92) ***Estimarei** que as suas obras **correspondam** as suas palavras.*
- (93) ***Espero** que me **concedas** um favor.*

No entanto, a gramática de Said Ali (1923, p.232) ressalta o fato de que com os verbos *esperar* e *temer* pode ocorrer o inverso: no lugar do Subjuntivo, como esperado, ocorre o futuro do Indicativo. Assim, este uso indicaria um valor de certeza ou quase certeza em relação àquilo que está sendo mencionado ou feito:

- (94) ***Espero** que não **hei** de enfastiar. (Vieira)*
- (95) *Muito **temo** que nos não **há** de suceder bem nesta viagem. (Vieira)*

Para alguns outros tipos de orações, como as consecutivas, causais, concessivas e condicionais, que expressam valores adverbiais, pode acontecer de ocorrer estes casos:

Subjuntivo e Indicativo alternando-se diante de contextos específicos, exprimindo certeza ou não certeza para o fato enunciado. A especificidade dessas trocas é causada pela combinação de tempos verbais tanto na oração principal como na subordinada, atenuando os valores de certeza, além de aparecerem conjunções adverbiais que por si só carregam significados de certeza.

Logo, podemos inferir que essa alternância entre Subjuntivo e Indicativo já vem acontecendo há tempos no português brasileiro, pois foi vista como possível para os gramáticos da época (final do século XIX e início do XX).

Em relação às gramáticas modernas, do início do século XXI, podemos dizer que não trazem grandes diferenças em relação ao uso normativo do modo Subjuntivo em construções frasais, se comparado ao que foi encontrado nas gramáticas apresentadas anteriormente. As gramáticas consultadas (BECHARA, 2001; MATEUS *et al.*, 2003; CASTILHO, 2010; PERINI, 2010) assemelham-se ao definir quais os tipos de verbo que são, usualmente, empregados com o Subjuntivo. Além dessa, outras situações coincidem, como os verbos que pedem ou permitem o Subjuntivo e tipos de orações que devem ser construídas neste modo verbal: ou seja, apontam as regras do uso normativo do Subjuntivo. Por outro lado, alguns autores reconhecem que há uma variação em andamento entre os modos Subjuntivo e Indicativo, de acordo com o uso linguístico.

De acordo com o material coletado dessas gramáticas, pudemos observar que houve unanimidade ao definir os tipos de verbo que pedem o Subjuntivo em suas orações complemento: verbos que denotam *vontade, surpresa, desejo, dúvida, aprovação, ordem*. A partir desta “lista”, aparecem os verbos que possuem estes sentidos ou assemelham-se a eles: *proibir, esperar, duvidar, temer, desconfiar, agradar, ordenar, pedir, pensar, julgar* e “outros de sentido análogo”. Devemos salientar que, ainda que alguns verbos sempre apareçam nessa lista, ela não é extensa, devido ao fato de ocorrerem diferenças entre os autores quanto ao conjunto de verbos que propõem, algo que vale tanto para os manuais de ontem como de hoje. De toda forma, vemos que esta é uma norma linguística enraizada nos manuais de língua portuguesa, que vindo sendo difundida desde séculos passados.

Conforme as definições encontradas em Bechara (2001), vemos que se abre um leque variado de orações para abrigar o modo Subjuntivo: a subordinada substantiva, com verbos/nomes/adjetivos que expressam *volição, ordem, consentimento, aprovação, medo, admiração, surpresa, desejo, probabilidade, justiça, necessidade, dúvida*; as independentes, em que aparecem advérbios como *talvez* e *oxalá* (nesse contexto, os advérbios fazem a função de modalizador); as subordinadas relativas expressando finalidade; as subordinadas adverbiais

em que se empregam as conjunções listadas pelo autor (*ainda que, embora, contanto que, sem que, antes que, enquanto, logo que* etc.).

Um gramático que reconhece a variação entre os modos verbais é Perini (2010), porém de uma forma mais sutil. O autor diz que a prescrição de Subjuntivo está associada a uma “forma bastante conservadora (variedade) de Português no Brasil” (PERINI, 2010, p.195), e afirma, de maneira não sistemática, uma variação regional do fenômeno:

[...] no Nordeste, os usos do PB são um pouco mais próximos daqueles da língua escrita, e podemos considerar essas variedades, neste aspecto, mais conservadoras. Por outro lado, no Sul e Sudeste, observa-se uma forte tendência para reduzir o uso de conjuntivo, o qual é substituído por formas indicativas ou, em certos casos, por infinitivo. (PERINI, 2010, p. 195)

O autor chega a fazer uma referência específica a Minas Gerais, região que apresentaria tendência a preferir o Indicativo ao Subjuntivo.

Esse processo de substituição, conforme Perini (2010, p.207), afeta o presente do Subjuntivo, mas não o futuro ou o passado (imperfeito) do Subjuntivo, “o qual continuará a ser utilizado atualmente em todas as regiões”, no que se refere aos dialetos urbanos.

No caso de substituição do Subjuntivo pelo Infinitivo, Perini (2010) ainda afirma que o que temos não é variação estrita (no sentido Laboviano), mas uma preferência por uma construção diferente (não-finito): *eu fiz o café para que ela ficasse mais tempo na cama/para ela ficar mais tempo na cama*. Somente quando Indicativo substitui Subjuntivo, nós realmente temos variação: *Você quer que eu vá lá? Você quer que eu vou lá?*

Portanto, a análise das gramáticas modernas possibilitou confirmar o que já vinha aparecendo nas gramáticas do século XIX e início do XX: o fenômeno em questão – alternância entre os modos Indicativo e Subjuntivo – é visto como algo que pode aparecer em algumas sentenças, sempre associada a diferenças semânticas, com algumas ressalvas já mencionadas anteriormente.

Sendo assim, podemos dizer que a tradição gramatical aponta para três situações possíveis quanto ao emprego dos modos Subjuntivo e Indicativo:

1. **Contextos em que apenas ocorreria o Indicativo:** em frases simples, maior parte das coordenadas e da oração principal em muitas frases complexas; verbos que exprimem a modalidade epistêmica (conhecimento e crença), tais como *saber, ignorar, crer e achar*. (cf. OLIVEIRA, 2003)
2. **Contextos em que ocorreria apenas o Subjuntivo:** em construções subordinadas, embora possa surgir em frases simples e coordenadas. Pode surgir, também,

[...] com certas expressões feitas e quando a frase se encontra no escopo de advérbios como *oxalá* e *talvez*. Neste último caso, a posição do advérbio pode alterar o modo [...]. Em frases complexas, o modo Conjuntivo pode ocorrer em frases completivas, relativas, condicionais, temporais, concessivas e finais, nalguns casos obrigatoriamente e noutros opcionalmente, contrastando com o modo Indicativo e apresentando consequentemente distinções semânticas. (OLIVEIRA, 2003, p.259)

3. **Contextos em que pode haver alternância:** em completivas de nome, há aqueles nomes que selecionam tanto o modo Subjuntivo como o Indicativo, como é o caso de *ideia*, *suspeita*, *hipótese* (OLIVEIRA, 2003); após a expressão “quem diria” (expressão de surpresa) poderia ser usado tanto o Subjuntivo como o Indicativo (BECHARA, 2010); nas expressões adverbiais não há preferência por um dos modos, pois os advérbios já fazem a função de modalizador; quando expressam ordem, pois ambos os modos compõem o modo Imperativo (CASTILHO, 2010).

De acordo com o que foi exposto, pudemos notar que as gramáticas preveem essa troca de modos em alguns contextos, ocasionando uma mudança de sentido na frase. No entanto, ainda, não trazem que a alternância entre Subjuntivo e Indicativo pode não alterar a semântica frasal, o que representaria, de fato, uma variação linguística, sendo então tratado como variável linguística. É esse, justamente, o objetivo central da presente pesquisa: verificar se a alternância entre os modos Subjuntivo e Indicativo não altera o conteúdo semântico da frase, concluindo, assim, que há uma variação linguística no contexto estudado com base em textos produzidos em meados do século XX.

3.2.2 O uso do Subjuntivo segundo estudos variacionistas

O objetivo desta subseção é apresentar, de forma sucinta, alguns estudos acerca do uso variável do modo Subjuntivo a partir de dados do português do Brasil. As pesquisas elencadas a seguir trazem amostras do português coletadas em diferentes territórios, o que nos permite fazer um mapeamento do uso do Subjuntivo por região, além de podermos verificar se os resultados de nossa pesquisa vão ao encontro (ou se distanciam) do quadro atual desse fenômeno no Português brasileiro.

Sendo assim, damos destaque à pesquisa de Pimpão (2012), em que analisa amostras de fala de duas cidades de Santa Catarina, Florianópolis e Lages, com o objetivo de verificar o uso variável entre presente do Subjuntivo e presente do Indicativo; Meira (2006) que verifica o uso do Subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro a partir

de dados coletados em quatro comunidades afrodescendentes: Cinzento, Helvécia, Barra e Bananal e Sapé; Fagundes (2007) que traz as ocorrências do modo Subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de alternância entre as formas verbais do Indicativo e do Subjuntivo nas cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco; Carvalho (2007), que se utiliza de dados de fala da região do Cariri (Ceará) para verificar a alternância Indicativo/Subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito; Alves Neta (2000), que analisa o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo no português falado por moradores de Januária, norte de Minas Gerais.

Abaixo, apresentamos as pesquisas, descrevendo seu objeto de estudo, a metodologia empregada e os resultados encontrados.

1) Pimpão (2012)

A pesquisa de Pimpão contempla duas amostras de fala, de natureza e perspectiva diferentes: a primeira corresponde à amostra sincrônica, constituídas por entrevistas armazenadas no Projeto VARSUL; a segunda amostra, de natureza diacrônica, está organizada com base em dados retirados de cartas ao redator, material que constitui parte do acervo do Projeto PHPB/SC. Seu objetivo primordial é investigar a variação entre as formas do presente do Subjuntivo e do presente do Indicativo na fala de informantes florianopolitanos e lageanos, cujas entrevistas foram realizadas na década de 1990, bem como na escrita especificamente relacionada a cartas ao redator publicadas em Florianópolis e Lages (SC) nas duas últimas décadas do século XIX e durante todo o século XX. A sucessão de sincronias pode permitir a identificação de possíveis modificações (variação e/ou mudança) no uso do presente do modo Subjuntivo ao longo do tempo, presentes em cartas ao redator. Cabe lembrar que a estratificação sociolinguística aplicada à constituição do Banco VARSUL distribui os informantes em sexo, idade, escolaridade, região/etnia.

Para a investigação sincrônica com dados orais de Florianópolis e de Lages, são utilizadas duas subamostras: a primeira reúne 24 entrevistas de cada cidade, que fazem parte do banco-base do VARSUL constituído nos primeiros anos da década de 1990, cujos informantes se distribuem igualmente pelas células sociais; e a segunda se restringe a Florianópolis, contando com uma ampliação para 44 informantes distribuídos em faixas etárias e níveis de escolaridade diferenciados.

Durante a investigação diacrônica, Pimpão levantou uma ressalva diante de possíveis contextos para variação: se os dados evidenciarem variação naqueles contextos em que as gramáticas tradicionais permitem o emprego do Indicativo, perceberemos que o presente do

Indicativo poderia não ser mais estigmatizado. E se o presente do Indicativo for usado naqueles contextos considerados de emprego do Subjuntivo, conforme prescrevem as gramáticas, será possível identificar o ambiente de entrada dessa variante nas amostras analisadas. A autora ainda adverte para o caso de ausência de variação, que será visto como contextos de restrição ao Indicativo bem como poderá sugerir a força da correção gramatical (pois são cartas ao redator).

Para a realização da tese de doutorado, Pimpão utilizou, como fonte de dados diacrônicos, sete cartas disponíveis no Banco PHBP/SC, do acervo referente às cartas ao redator da cidade de Florianópolis, como também o material disponível na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (esta amostra coletada pela pesquisadora); em Lages, foram consultados os jornais disponíveis no Museu Thiago de Castro, que reúne diferentes jornais lageanos desde a segunda metade do século XIX e de praticamente todo o século XX.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados para a pesquisa obedecem a dois momentos: inicialmente são descritos os fatores em comum aos cinco contextos de análise (orações com o item *talvez*, orações substantivas, orações adjetivas, orações adverbiais e orações parentéticas); e, em um segundo momento, são descritos os fatores específicos a três desses contextos de análise, a saber: orações substantivas, adverbiais e adjetivas. Os grupos de fatores que foram controlados na pesquisa para todos os contextos foram assim identificados: submodos (deôntico e epistêmico), valores dos submodos (probabilidade/crença ou certeza vs desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação), projeção temporal da situação codificada (situação projetada para o futuro e, em contrapartida, ocorrências em que a situação se espalha em um eixo temporal que contempla passado, presente e futuro), estrutura da assertividade da oração (negação na matriz e afirmação na subordinada; negação na matriz e na subordinada; afirmação na matriz e na subordinada; afirmativa com negação na subordinada; *não (é) (por) que não*; oração independente/coordenada sem negação; oração independente/coordenada com negação; *que eu conheça, que eu lembro (lembre), que eu saiba, (não) que (não)*), tipo de contexto sintático (oração substantiva, oração adverbial, oração adjetiva, oração com o *talvez* e oração parentética), pessoa, morfologia verbal (verbos regulares, irregulares e anômalos), saliência fônica ((i) completa alteração das desinências e do radical: *seja/é*; (ii) parcial alteração nas desinências e no radical: *esteja/está*; (iii) alteração na desinência, porém não no radical: *deva/deve*), e item verbal da oração do dado. Os grupos de fatores extralinguísticos são de natureza social, previstos na constituição do banco de dados VARSUL (sexo, idade e escolaridade) e de natureza diversa, que podem contribuir com uma melhor compreensão do fenômeno em estudo: controle do informante (dados

sincrônicos), do período histórico das cartas (dados diacrônicos) e da cidade (dados sincrônicos e diacrônicos).

Além de controlar os dados com esses grupos de fatores, Pimpão também utilizou “grupos de fatores específicos” para determinados contextos linguísticos, não sendo controlados nas rodadas gerais. Esses contextos são de (i) orações substantivas, (ii) orações adverbiais e (iii) orações adjetivas. Os fatores específicos controlados não são comuns aos três contextos e ficam assim distribuídos:

- (i) Fatores específicos do contexto linguístico das orações substantivas: a) item verbal/nominal da oração substantiva; b) traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva; c) tipo de oração substantiva.
- (ii) Fatores específicos do contexto linguístico das orações adverbiais: a) conector da oração adverbial; b) tipo de oração adverbial (causais, concessivas, condicionais, consecutivas, modais, finais e temporais).
- (iii) Fatores específicos do contexto linguístico das orações adjetivas: a) animacidade do referente do pronome relativo (a hipótese prevê que, nesse tipo de contexto, “a manifestação da modalidade pode ser mais atuante, configurando-se assim pelo uso da forma verbal no presente do Subjuntivo” (PIMPÃO, 2012, p.209)).

Apresentados os grupos de fatores que dão suporte a pesquisa, resta saber quais as hipóteses que embasam o estudo. Na verdade, são duas questões gerais que norteiam a investigação do uso variável do presente do Subjuntivo: uma de natureza mais funcionalista e outra de natureza mais sociolinguística. A primeira questão busca investigar se “é possível distribuir o uso variável do presente do Subjuntivo em um *continuum* de modalidade” (tendo como base o traço de projeção futura, comum às duas modalidades, epistêmica e deôntica). Já a segunda procura verificar se “o uso variável do presente do modo Subjuntivo é sensível a condicionadores extralinguísticos”.

Após a análise das duas subamostras de fala: (i) 24 entrevistas de Florianópolis e de 24 de Lages (amostra 1) e (ii) 24 entrevistas de Florianópolis complementadas com 12 informantes jovens e 8 informantes universitários (amostra 2), Pimpão chegou aos seguintes resultados gerais (PIMPÃO, 2012, p.293):

- (i) O uso do presente do Subjuntivo é mais produtivo em Lages;

- (ii) A importância dos fatores concernentes à modalidade no condicionamento do presente do Subjuntivo se manifesta nas rodadas gerais e em boa parte das rodadas por contexto de análise;
- (iii) A distribuição do uso variável do presente do Subjuntivo no *continuum* de modalidade relativo a ambas as amostras atesta, em boa parte, a hipótese levantada;
- (iv) Os grupos de fatores de outra natureza obtêm relevância estatística, principalmente: ‘estrutura da assertividade da oração’, ‘morfologia verbal’ e ‘pessoa’;
- (v) Os grupos de fatores específicos se mostraram mais significativos na rodada relativa à amostra 2, evidenciando a importância de uma análise direcionada ao contexto de análise;
- (vi) Os fatores específicos do contexto de oração substantiva obtêm significância estatística nas rodadas por contexto referente às amostras 1 e 2, revelando a força de propriedades que caracterizam esse tipo de contexto;
- (vii) Na amostra 2, o uso do presente do Subjuntivo acompanha os níveis de escolaridade essencialmente naqueles contextos em que o emprego do modo Indicativo não é previsto nas gramáticas tradicionais;
- (viii) Diferentemente do esperado, a ‘idade’ não foi selecionada na rodada relativa à amostra 2, provavelmente devido ao percentual de presente do Subjuntivo muito próximo entre as faixas etárias.

Para a análise interpretativa dos resultados decorrentes das rodadas estatísticas referentes à amostra de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3) – análise diacrônica – os resultados apontaram algumas tendências observadas na sincronia, como a importância dos fatores concernentes à modalidade e a relevância de fatores como a ‘estrutura da assertividade da oração’ e, para o contexto de orações substantivas, o ‘traço semântico do item verbal/nominal’. De acordo com Pimpão, o diferencial da análise diacrônica está no grupo de fatores relacionados à modalidade, selecionados em todas as rodadas e na pouca atuação dos demais grupos de fatores no condicionamento do presente do Subjuntivo. Ainda, segundo Pimpão, na diacronia, a modalidade parece constituir uma motivação importante na retenção dessa variante, indicando a força da tríade “submodo”, “valores do submodo” e “projeção temporal”.

Dessa maneira, pôde-se concluir que, a partir dos resultados obtidos nas rodadas estatísticas com as ocorrências da amostra 1, o uso do presente do Subjuntivo foi mais produtivo por informantes naturais da cidade de Lages: Florianópolis (54%) e Lages (62%). No que diz respeito à amostra 2, diferentemente da variável ‘idade’, que não obteve significância estatística, a ‘escolaridade’ corroborou a hipótese inicial da pesquisa acerca da importância da instrução formal no condicionamento do presente do Subjuntivo. No que se refere à amostra 3, destaca-se a força do grupo de fatores relacionado à modalidade, selecionado em boa parte das rodadas, e a atuação pouco expressiva dos demais grupos.

2) Meira (2006)

Meira (2006) utilizou amostras de fala vernácula de quatro comunidades afro-brasileiras isoladas, que serviram de base para a análise do Subjuntivo: as comunidades de Cinzento, de Helvécia, de Barra e Bananal e de Sapé, todas no interior da Bahia. Esses *corpora* são constituídos por entrevistas do tipo sociolinguístico, armazenadas e transcritas no *Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro*. Foi entrevistado em cada comunidade um número mínimo de 12 informantes, por um período mínimo de 40 minutos e máximo de uma hora cada um deles.

Os informantes foram distribuídos em sexo, idade, escolaridade e estada fora da comunidade. Assim, os grupos de fatores sociais selecionados foram descritos da seguinte maneira: sexo (masculino e feminino), idade (20-40, 41-60, acima de 61 anos) e escolaridade (analfabeto e semianalfabeto). De acordo com a autora, a opção pelo estudo dessas comunidades ocorreu devido ao fato de elas serem constituídas por afrodescendentes, cujo passado está ligado ao contato entre línguas e ao processo de transmissão linguística irregular⁷ e por apresentarem certo grau de isolamento de outros meios sociais.

Sendo assim, formou-se um *corpus* com doze entrevistas, através de conversas informais sobre os hábitos e a forma de se viver nas comunidades.

Com o material já coletado, delimitou-se duas variáveis dependentes para o estudo: (i) o uso do modo Subjuntivo em orações relativas e (ii) o uso do Subjuntivo em orações completivas, com variantes binárias em cada uma delas, presença/ausência de forma de Subjuntivo. Conforme Meira (2006), não foi adotado nenhum pressuposto de uso do

⁷ O processo de transmissão linguística irregular está associado à aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços. Esse processo de caracteriza fundamentalmente pela simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais; ou ainda, pelo aumento da frequência de uso das formas não marcadas (LUCCHESI, 2009, p.71).

Subjuntivo nesses dois contextos, pois decidiu-se “partir do zero” para definir objetivamente todos os contextos de uso variável e categórico do modo verbal, até aqueles contextos em que se espera que não sejam usadas categoricamente as formas do Subjuntivo, tais como orações relativas apositivas com referente específico.

Os grupos de fatores linguísticos utilizados no estudo de Meira para a análise do Subjuntivo em orações relativas foram os seguintes: a) tipo de oração relativa (orações explicativas e orações restritivas); b) nível de referência do antecedente ((i) genérico [-específico], (ii) indefinido [+ específico, - definido] e (iii) definido [+ específico, + definido]); c) nível de realidade da predicação contida na oração relativa ((i) contrafactual, (ii) irreal, (iii) hipotético e (iv) real); d) tempo do Subjuntivo previsto no uso culto (saliência fônica – presente, futuro e imperfeito); e) localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação (três momentos: (i) anterior ao momento da enunciação, (ii) simultâneo ao momento da enunciação e (iii) posterior ao momento da enunciação) e f) morfologia verbal (regularidade e irregularidade).

Antes de analisar os grupos de fatores sociais (ou extralinguísticos) em orações relativas, tinham-se as seguintes expectativas: (i) sexo – os resultados de comunidades afro-brasileiras isoladas (zona rural) não seriam iguais aos resultados de pesquisas realizadas no meio urbano, visto que a maioria das mulheres do meio rural não tem contato com as formas linguísticas de prestígio social dos grandes centros urbanos, já que são os homens os que mais frequentam outras comunidades e as “cidades”; (ii) faixa etária – os falantes mais velhos usam com pouca frequência o Subjuntivo, o que estaria relacionado a um estado anterior da língua, influenciado pelo contato entre línguas e pelo processo de transmissão linguística irregular, diferente dos mais jovens que, por estar em contato com diferentes grupos sociais, tendem a realização desse modo verbal com mais facilidade; (iii) nível de escolaridade – dois grupos: um dos analfabetos e outro de semianalfabetos (aqueles que tinham o primeiro grau incompleto); (iv) estada fora da comunidade – o Subjuntivo é mais usado pelos falantes que já viajaram e tiveram contato com outros grupos sociais.

No entanto, ao analisar esses grupos de fatores, a autora constatou que apresentaram uma distribuição contrária a todas as expectativas: os mais jovens foram os que menos exibiram as formas de Subjuntivo, enquanto as mulheres, bem como os analfabetos e os que nunca saíram da comunidade exibiram os maiores índices de uso do Subjuntivo. Cabe destaque a ressalva de Meira ao afirmar que esses resultados podem se modificar quando acrescentados os resultados referentes ao uso do Subjuntivo em contexto adverbial e com a partícula *talvez*.

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, percebeu-se que o Subjuntivo, nas comunidades de fala analisadas, tende a ser mais favorecido em orações relativas cujo evento se localiza em um momento posterior ao momento da elocução. Comprovou-se ainda que a aplicação das formas de Subjuntivo tende a ocorrer quando a relativa é usada no tempo futuro, o que se explica pelo fato de as formas desse tempo verbal coincidirem com a forma de infinitivo, o que facilitaria o processo de aquisição por parte dos falantes. Por outro lado, quando comparados os resultados dos tempos *imperfecto* e *presente*, observamos a aplicação do princípio da saliência fônica, já que foi registrada maior frequência de uso do Subjuntivo nas situações linguísticas em que a diferença de material fonético na oposição Indicativo/Subjuntivo é mais perceptível. Em relação à morfologia do verbo, Meira constatou que o uso de verbos regulares nas relativas influencia o uso do Subjuntivo.

Já para a análise do Subjuntivo nas orações completivas, Meira levou em consideração os seguintes fatores linguísticos: a) tipo da oração em que a completiva está encaixada (afirmativo, negativo, interrogativo, condicional, verbo modal); b) tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada (volitivo, avaliativo, declarativo, cognitivo, perceptivo, inquiritivo, causativo); c) tempo verbal: (i) do verbo da oração em que a completiva está encaixada e (ii) tempo do Subjuntivo previsto no uso culto; d) avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva (ocorrido, pressuposto, (in)desejado, irreal, hipotético); e) morfologia verbal (saliência fônica: regular e irregular).

Durante a análise dos dados das orações completivas (858 ocorrências), foi possível definir os contextos em que as formas do Subjuntivo não são categoricamente usadas na gramática das comunidades de fala analisadas: apenas 23 (3% do total) continham uma forma de Subjuntivo. Diferentemente do que ocorreu com o Subjuntivo nas relativas, o padrão de uso categórico do Subjuntivo nas completivas, de acordo com Meira, não coincidiu com o padrão do uso culto nem com o prescrito pela tradição gramatical.

Com base na análise dos grupos de fatores linguísticos, pode-se perceber quais os fatores estruturais que favorecem o uso do Subjuntivo nas comunidades de fala afro-brasileiras analisadas. Assim, descobriu-se que a forma do Subjuntivo é favorecida pelo contexto semântico determinado pela oração principal; dessa forma, quando esta for condicional ou negativa, o Subjuntivo tende a ser o modo selecionado pela completiva, já que este seria um contexto próprio para proposições hipotéticas ou contrafactuais. Além disso, segundo a autora, o tipo de verbo da oração em que a completiva está encaixada também afeta a probabilidade de uso de formas do Subjuntivo, principalmente com verbos de volição, avaliativos e inquiritivos (as ocorrências dos verbos declarativos e perceptivos foram

descartadas por se tratarem de contextos categóricos de uso do Indicativo). O tempo da oração em que a completiva está encaixada, especialmente o pretérito imperfeito do Indicativo, favorece igualmente o uso do Subjuntivo. Este modo verbal tende ainda a ocorrer nas situações linguísticas em que a diferença Subjuntivo *vs* Indicativo é mais perceptível, em termos fônicos: tanto no contexto do imperfeito do Subjuntivo, comparado com as formas do tempo presente, em função da maior força fonética do fonema daquele tempo em face do morfema deste tempo. Por fim, constatou-se, quanto ao nível de realidade do evento referido na oração completiva, que o Subjuntivo tende a ocorrer nas situações em que se tem um evento irreal, não sendo categoricamente usado na referência a um evento já ocorrido ou pressuposto.

Em relação aos fatores sociais controlados (sexo, faixa etária, estada fora da comunidade, nível de escolaridade e comunidade), devido ao baixo número de ocorrências nos *corpora*, a pesquisa de Meira não obteve resultados consistentes no plano do encaixamento social da variável analisada, tanto que nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo Programa VARBRUL.

3) Fagundes (2007)

A pesquisa de Fagundes procurou descrever as ocorrências de modo Subjuntivo e as possibilidades de alternância entre as formas verbais do Indicativo e do Subjuntivo nas cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL do Paraná.

Desse modo, tem-se como a variável dependente o modo verbal, ocasionando a escolha de alguns grupos de fatores linguísticos: a) tipo de oração ((i) frases feitas; (ii) orações isoladas, independentes ou absolutas; (iii) oração principal; (iv) orações subordinadas substantivas: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa e apositiva; (v) orações subordinadas adverbiais: causal, comparativa, consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional e temporal; e (vi) orações subordinadas adjetivas); b) tempo verbal da oração principal; c) tempo verbal da ocorrência (na oração subordinada ou na independente) e d) modalidade; e extralinguísticas: cidade, faixa etária, grau de escolaridade e sexo do informante.

Para a seleção dos informantes, Fagundes considerou critérios étnicos, tais como: (i) ter nascido, preferencialmente, na localidade alvo da pesquisa; (ii) ter morado na localidade a maior parte da sua vida (pelo menos 2/3); (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua (2 a 12 anos); (iv) ser uma pessoa representativa na

localidade e/ou que não cause estranheza a outros moradores da região. Para a variável *sexo*, foram selecionados 12 falantes mulheres e 12 falantes homens de cada localidade. A variável *idade* foi dividida em duas faixas A (idades entre 25-49 anos) e B (pessoas com 50 anos ou mais). Para cada faixa etária, por sua vez, foram selecionados 12 informantes, dos quais 6 são homens e 6 são mulheres. Por outro lado, a variável *escolaridade* foi dividida em três níveis: primário (4-5 anos de escola), ginásial (8-9 anos de escola) e colegial (10-11 anos de escola). Para cada um dos níveis foram selecionados 8 informantes, sendo 4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

Sendo assim, o pesquisador buscou nas 96 entrevistas ocorrências que trouxessem o uso do modo Subjuntivo, ou que por ele pudessem ser substituídas; ou seja, além do uso do modo Subjuntivo, buscou-se destacar os contextos em que o modo Indicativo estivesse sendo usado no lugar do modo Subjuntivo. Desse modo, submeteram-se as entrevistas à análise estatística dos grupos de fatores.

Com base no cálculo estatístico, envolvendo os resultados das quatro cidades do estado do Paraná, Fagundes apresentou os seguintes resultados gerais, compostos de um total de 2.718 ocorrências: o modo Subjuntivo apareceu em 2.434 ocorrências, correspondendo a 90% do total dos dados, ficando o modo Indicativo com apenas 10% (284) das ocorrências. Tendo obtido esses índices percentuais, o autor avalia que, de certo modo, confirmam as tendências apresentadas em outras pesquisas que tratam do mesmo tema – como PIMPÃO (1999), COSTA (1990), WHERRITT (1977) – em que se descreve a variação ocorrida entre o modo Subjuntivo e o modo Indicativo em diferentes cidades do país, mais especificamente, nas regiões Sul e Sudeste.

Os cálculos revelaram que os fatores intervenientes, que condicionam as escolhas e a alternância de uso dos modos verbais feitas pelo falante, são de ordem social – no caso das cidades – e linguístico – no caso do tipo de oração e da modalidade.

Para a cidade de Curitiba foi selecionado somente um grupo de fatores: *modalidade* (conhecimento e conduta/desejo). Para a modalidade *conhecimento* temos uma situação em que já há uma leve tendência de favorecimento do modo Indicativo, desfavorecendo o Subjuntivo; para a modalidade *conduta e desejo* há o claro favorecimento do modo Subjuntivo.

Na rodada de Pato Branco também somente um grupo de fatores foi selecionado. Os resultados de *modo verbal* em relação ao *tipo de oração* demonstraram que as subordinadas adverbiais favoreceram o modo Indicativo com um peso relativo de .60, desfavorecendo, portanto, o uso de Subjuntivo que apresenta peso relativo de .40. As orações adjetivas e

substantivas apresentam pesos relativos de .69 e .72, respectivamente, havendo favorecimento para a ocorrência do modo Subjuntivo. Segundo Fagundes, é justamente essa distribuição singular dos dados que justifica a seleção desse grupo de fatores e distingue Pato Branco das demais cidades.

Na análise estatística referente à cidade de Londrina nenhum dos grupos de fatores foi selecionado. Conforme explicação do autor, a cidade se caracteriza por estar em situação de indefinição quanto à escolha dos *modos verbais* feitas pelo falante, e pelo fato de que, em Londrina, possa haver uma situação de variação estável.

A análise feita para Irati também selecionou como relevante apenas um dos grupos de fatores, o da *modalidade*. Em termos de pesos relativos, os resultados indicam que nessa cidade há favorecimento de ocorrência de modo Indicativo quando se trata da modalidade *conhecimento*. No que se refere à modalidade *desejo e conduta*, o modo Subjuntivo é favorecido com peso relativo de .85.

Em suma, pode-se dizer que, dentre os grupos de fatores selecionados do ponto de vista linguístico, encontrou-se *tipo de oração* que pode favorecer ou desfavorecer a alternância entre o uso dos modos verbais. Em relação ao outro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico, o da *modalidade*, constatou-se que a modalidade do *conhecimento* apresentou leve tendência ao favorecimento de uso de Indicativo. Já no que se refere à modalidade *conduta e desejo* há claro favorecimento de uso de Subjuntivo, especialmente no que se refere à cidade de Irati.

4) Carvalho (2007)

Carvalho (2007) utilizou dados de fala da região do Cariri (microrregião que se situa ao Sul do estado do Ceará) provenientes do Banco de Dados de Estudos de Língua Oral do Ceará – Português não-padrão do Ceará. Com o objetivo de empreender uma análise morfossintática, semântica e discursiva da alternância Indicativo/Subjuntivo, em orações subordinadas substantivas, foram selecionados 60 informantes, estratificados em sexo, faixa etária e anos de escolaridade. A pesquisa busca, ainda, compreender em que medida aspectos sintático-semânticos e discursivos da oração principal reforçam ou restringem a noção modal expressa pelo verbo da oração encaixada.

Nesse sentido, o fenômeno em estudo é a variação do Subjuntivo em alternância com o Indicativo em orações subordinadas substantivas introduzidas pela partícula “que”, na variedade falada do Cariri.

A amostragem desse *corpus* se constitui de, aproximadamente, 125 horas de gravação correspondentes a 176 entrevistas realizadas com informantes de diferentes cidades, faixas etárias, sexo, escolaridade. Essas entrevistas seguem o modelo laboviano de coleta de dados e encontram-se transcritas e armazenadas eletronicamente. Esse banco de dados faz parte do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA), que visa a disponibilizar um banco de dados sobre o português falado no Ceará que possibilite a descrição e análise dos aspectos fonético-lexicais, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos da fala cearense, numa visão sociolinguística e discursiva (CARVALHO, 2007, p.73).

Correlacionados à variável dependente, foram analisados grupos de fatores de natureza linguística e social. Os seguintes grupos de fatores linguísticos foram testados: (i) tipo de verbo da oração principal (verbos volitivos, cognitivos, factivos, *dicendi*); (ii) padrão morfofonológico do verbo (regulares, irregulares e anômalos); (iii) estrutura da assertividade da oração matriz (negação da matriz/afirmação da encaixada, negação em ambas, afirmação em ambas, afirmação na matriz/negação na encaixada); (iv) tempo-modalidade (futuridade, incerteza/avaliação, certeza, verbos *dicendi*); (v) pessoa verbal da oração matriz. E também os extralinguísticos: A. sexo; B. faixa etária; C. escolaridade.

Depois de selecionados, os dados foram submetidos à análise quantitativa com o auxílio do programa estatístico VARBRUL, que associa um peso relativo a cada um dos fatores, indica seu efeito sobre um dado fenômeno de realização variável e prevê a probabilidade global de ‘aplicação da regra’ na presença de um conjunto de fatores.

A análise empreendida com os dados do tempo presente evidenciou que os grupos de fatores linguísticos *tipo de verbo*, *estrutura da assertividade* e *modalidade* são condicionadores do fenômeno estudado. As construções com a presença do operador de negação receberam mais a forma subjuntiva na oração encaixada do que as orações declarativas. Considerando a força da negação no processo estudado por Carvalho e o já clássico grupo de fatores *tipo de verbo*, a autora realizou um cruzamento desses grupos de fatores com o objetivo de investigar em que medida se dá a inter-relação entre esses fatores.

O cruzamento demonstrou que a negação é um elemento que favorece a seleção do Subjuntivo, inclusive em verbos do tipo “achar”. Contudo, os verbos factivos do tipo “saber” não sofreram pressões do operador de negação, selecionaram o Indicativo quase categoricamente. Esse fato demonstra a força e função que o tipo de verbo assume na proposição. Esse contexto, conforme a pesquisadora, independe da presença ou não do operador de negação.

Nas orações coletadas na amostra, sempre que a sentença ocorre com o verbo [volitivo] o Subjuntivo é requerido, com verbo [factivo] a forma modal selecionada é o Indicativo. Verbos com traços [cognitivo, opinião, avaliação] selecionam tanto o Indicativo quanto o Subjuntivo.

Além disso, os resultados apontaram que a seleção do Subjuntivo envolve a atuação de três grupos de fatores: *tipo de verbo da oração*, *estrutura da assertividade da oração* e *modalidade*. Sendo assim, Carvalho afirma que pode haver um jogo morfosintático e sintático-semântico regendo o fenômeno da alternância de forma que nesse ambiente linguístico o valor modal da oração encaixada se harmoniza semanticamente com o verbo da oração principal ou desaparece em função do mecanismo sintático-semântico da oração.

Em orações substantivas introduzidas pela partícula “que”, com o tempo verbal no presente, a forma subjuntiva é menos frequente do que a forma indicativa. A análise com dados do pretérito imperfeito do Indicativo vs pretérito imperfeito do Subjuntivo foi feita apenas em termos percentuais. Quando isolados os verbos volitivos e factivos e realizada a rodada, houve uma redução considerável dos dados. Do total de 65 dados, restaram 20 ocorrências todas no Indicativo. Em síntese, o Subjuntivo só foi significativo num pequeno conjunto de dados (com verbos volitivos). Os contextos em que se previa alternância apresentaram-se, na verdade, categóricos de Indicativo.

No que se refere à atuação de grupos de fatores extralinguísticos, no contexto de tempo presente, o VARBRUL selecionou as variáveis *anos de escolaridade* e *faixa etária*. Os falantes que mais usam o presente do Subjuntivo são os menos escolarizados. Falantes não-escolarizados favorecem mais o Subjuntivo do que os falantes que frequentaram a escola por mais de 11 anos. De acordo com Carvalho, esses resultados, principalmente os referentes a falantes sem escolaridade, apontam indícios de ser o Subjuntivo uma forma ainda preservada no falar da comunidade de fala.

Com relação à atuação da *idade* sobre os dados de tempo presente, os falantes com mais de 50 anos conservam mais a forma subjuntiva em sua fala (.73) do que jovens de 15-25 anos (.54) e falantes com faixa etária de 26-49 anos (.34). Embora o Subjuntivo seja muito produtivo na comunidade analisada, Carvalho acredita que há ali um processo de variação estável: falantes mais jovens e na faixa etária intermediária apresentam menos probabilidade de uso do Subjuntivo do que falantes de mais idade.

A análise referente ao tempo imperfeito foi realizada em termos percentuais, com todos os contextos. Os resultados apresentaram direção diferente do presente: falantes de 15-25 anos e com mais de 50 usam praticamente o mesmo percentual de Subjuntivo, 44% e 43%, e

falantes da faixa intermediária usam 63% dessa forma em sentenças subordinadas substantivas.

Os resultados da variável *gênero/sexo*, na análise do presente, com todos os contextos de uso, não apresenta diferenças de uso em relação ao sexo: homens e mulheres apresentaram praticamente os mesmos percentuais de uso do Subjuntivo: 25% e 24%, respectivamente.

Em geral, conforme observou Carvalho, o fenômeno estudado não tem se mostrado sensível aos fatores sociais sob controle ou não apresenta uma direção clara em termos de resultados.

5) Alves Neta (2000)

Neste trabalho, Alves Neta analisa o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo no português falado no Norte de Minas, na fala de moradores de Januária, como um caso de variação linguística, adotando a perspectiva da sociolinguística laboviana.

A autora assume que o traço de [factividade] é um elemento crucial na determinação/prescrição do uso de formas do presente do Subjuntivo. Parte-se da hipótese de que o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo em estruturas com verbos de modalidade [-factividade] no PB é uma variante linguística inovadora e favorecida por fatores estruturais e não-estruturais.

A pesquisa também aponta a hipótese de que o uso dessa variante ao lado do Subjuntivo caracteriza mudança em progresso. Em vista disso, outra hipótese é a de que a coocorrência de formas do Subjuntivo e de formas do Indicativo, nos contextos mencionados acima, é uma variável que apresenta correlação com fator idade; ou seja, a variante inovadora está mais presente na fala da geração mais jovem.

Considerando que o Subjuntivo é uma forma característica de estilo mais formal e que o seu uso consiste numa preocupação da escola, levanta-se assim a hipótese de que os moradores de Januária usam mais as formas do Indicativo em contextos de Subjuntivo em situações menos formais, e mais frequentemente o Subjuntivo nos contextos mais formais e por pessoas com maior grau de escolaridade.

Para testar tais hipóteses, Alves Neta procurou analisar quantitativa e qualitativamente, um total de 381 dados de fala, sendo que em 351 dados de fala se prescreveria o emprego do Subjuntivo, de modo que o uso de formas do Indicativo constitui uma inovação; em 30 dados de fala a presença de formas do Indicativo não constitui inovação.

Os resultados dessa análise mostraram que no total de 351 dados de fala em que se prescreve o emprego de formas do Subjuntivo, foram registrados 144 casos de uso de formas do Indicativo, correspondendo a 41% dos dados de fala. A autora explica que esse resultado, embora significativo, decorre do fato de os mais elevados percentuais de uso do Indicativo estarem associados às orações de Modalidade Imperativa (orações absolutas, coordenadas e principais que denotam ordem e pedido – formas de Subjuntivo com valor de Imperativo).

Os índices de uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo atribuídos aos fatores do grupo Modalidade mostram que as orações absolutas, coordenadas e principais caracterizadas com a Modalidade ordem/pedido e, portanto, marcadas pelo traço [- factividade], favorecem altamente o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo (PR =.76).

De acordo com Alves Neta, o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo nas orações adverbiais é altamente favorecido pelas conjunções concessivas *embora* e *mesmo que* (PR =.63); as outras conjunções desfavorecem altamente o uso dessa variante.

O uso de formas de Indicativo por formas de Subjuntivo, no Norte de Minas, ocorre com mais frequência na fala de informantes do nível mais baixo de escolaridade (PR =.70), diminui sensivelmente na fala dos informantes do nível Médio (PR =.45) e tem ocorrência bem reduzida na fala dos informantes de nível superior (PR =.33) – isso permite supor, conforme a autora, que a escola atua no sentido de que tal uso seja evitado.

A faixa etária 1 (15 a 24 anos) mostrou-se como um fator neutro (PR =.51) em relação ao uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo; a geração 2 (de 25 a 45) desfavoreceu esse uso (PR =.37) e a geração 3 (mais de 45 anos) favoreceu (PR =.61). Com base nesses resultados, Alves Neta refuta, portanto, a hipótese da mudança em progresso; ou seja, os resultados obtidos, segundo os quais os jovens favorecem mais o uso do Subjuntivo do que a geração dos mais velhos, não permitem afirmar que o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo, no PB, é um caso de mudança em progresso.

Os resultados demonstraram que, em Januária, não se pode falar que está ocorrendo com muita frequência o uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo com valor de Subjuntivo. No que diz respeito ao uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo com valor de Imperativo, nos dados de fala, a modalidade ordem/pedido é altamente favorecedora, uma vez que dos 67 dados analisados 88% foi de uso de formas do presente do Indicativo.

3.3.1 FECHANDO A SEÇÃO

Para finalizarmos a apresentação dos estudos variacionistas a respeito do uso do Subjuntivo, sintetizamos no quadro 1 os fatores linguísticos que demonstraram ser mais atuantes no contexto de uso do Subjuntivo.

Quadro 1: Estudos variacionistas sobre o fenômeno da variação Subjuntivo/Indicativo com dados do português brasileiro⁸.

Estado	SC	BA		PR	CE	MG
Pesquisa	PIMPÃO (2012)	MEIRA (2006)		FAGUNDES (2007)	CARVALHO (2007)	ALVES NETA (2000)
Objeto	Presente do Indicativo e Presente do Subjuntivo	Uso do Subjuntivo em orações relativas e completivas		Alternâncias entre as formas verbais do Indicativo e do Subjuntivo	Alternância Indicativo/Subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito	Uso de formas do presente do Indicativo por formas do presente do Subjuntivo
		Oração relativa (explicativa ou restritiva)	Orações completivas			
F A T O R E S L I N G U Í S T I C O S	Modalidade (submodos, valores do submodo e projeção temporal)	Tempo do Subjuntivo previsto no uso culto – futuro	Tipo da oração em que a completiva está encaixada – condicional ou negativa	Modalidade – conhecimento/condução e desejo	Modalidade (futuridade, incerteza/avaliação)	Modalidade (exceto ordem/pedido, pois favorecem o uso de Indicativo)
	Tipo de contexto sintático	Localização temporal do evento expresso em relação ao momento da enunciação – posterior ao momento da fala	Tipo de verbo da oração principal (volição, avaliativos e inquiritivos)	Tipo de oração (adjetivas e substantivas)	Tipo de verbo da oração matriz (volitivo, cognitivo, factivos, <i>dicendi</i>)	Exceto as conjunções concessivas – <i>embora</i> e <i>mesmo que</i> (pois favorecem o uso de Indicativo)
	Estrutura da assertividade da oração	Morfologia verbal (verbos regulares)	Tempo da oração em que a completiva está encaixada - pretérito imperfeito do Indicativo	-	Estrutura da assertividade (negativa)	-
	Traço semântico do item verbal/nominal	-	Nível de realidade do evento referido na oração completiva – nível irreal	-	-	-

⁸ A presença do travessão (-) nas células corresponde à ausência de fatores no respectivo estudo.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos que fazem parte da nossa metodologia, como também apresentamos o gênero linguístico que caracteriza o nosso *corpus*. Além disso, expomos o nosso método de análise, bem como os grupos de fatores linguísticos, justificando o motivo de tal seleção.

4.1 O *corpus*

No que se refere à fonte de dados selecionada para o estudo da alternância Subjuntivo/Indicativo, a escolha de cartas pessoais se baseia na compreensão de que esse gênero textual pode corresponder, por motivações diferentes, a um menor monitoramento na escrita, por autor e destinatário poderem ter uma relação mais estreita. Tal condição é muito favorável ao uso de formas não-previstas pela norma prescritiva, mas correntes em situações coloquiais.

O conjunto de cartas selecionadas constitui uma amostra da língua corrente no Brasil durante o século XX e integra o corpus do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>). Nesse *site*, procuramos selecionar, primeiramente, os estados brasileiros que continham cartas pessoais datadas nas duas metades do século XX. Assim, foi possível, eleger os estados que fazem parte da presente pesquisa com suas respectivas cartas pessoais: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina.

Com esse *corpus* em mãos, procuramos privilegiar e manter em nossa coleta de dados, em um segundo momento, somente as cartas que pertenciam ao final da primeira metade do século XX e início da segunda metade, já que as cartas pessoais do início do século continham muitos resquícios linguísticos da tradição gramatical do século XIX, o que afetaria nosso propósito inicial de investigação linguística pelo século XX. Desse modo, nosso *corpus* ficou assim constituído:

- Rio Grande do Norte com 141 cartas, no período de 1946 a 1972;
- Bahia com 275 cartas, no período de 1937 a 1951;
- Pernambuco com 36 cartas, no período de 1933 a 1973;
- Rio de Janeiro com 94 cartas, no período de 1936 a 1937;
- Minas Gerais com 51 cartas, no período de 1932 a 1954;
- Santa Catarina com 64 cartas, no período de 1964 a 1970.

Com relação aos remetentes, a afinidade que demonstram está ligada a situações de namoro, amizade, parentesco. Nas cartas pertencentes a Bahia, encontramos missivas de dois casais de namorados: Carlos e Iracema, Otto e Renée. O conteúdo destas cartas relaciona-se ao cotidiano, trabalho, estudos e declarações de amor, como vemos pelos fragmentos:

- (96) *Na vespera da tua viagem, não pensava em outra coisa senão no golpe que eu havia de soffrer no dia seguinte. Fugia a tua despedida em presença, para evitar que o golpe fosse mais profundo. Dormia ainda, quando partiste. Chamaram-me para assestir, e eu fugi, na convicção de que não podia suportar aquella tiranna dôr, que durante a tua ausencia não seria apagada. Quanto a tua sinceridade e firmeza, nada poderei supor, porque às possue por indole de bêrço.* [BA – CP124]
- (97) *Velhinha “minha cachaça” Fiquei contente ao saber que minha última carta chegou às suas mãos quando o “whisky” já havia chegado à sua cabeça. Assim, deve ter tido maior efeito. Quando a gente está “chumbado” ou “meeiro”, como se diz na gíria, ou ainda, “altinho”, a sensibilidade e o sentimentalismo corre tôdo à flôr da péle. Fiquei também com inveja de você. Whisky!!!. Eu bem precisava de um “pórre” dele! Mas... cadê “grana”?* [BA – CP217]

Por outro lado, nas cartas de Pernambuco, encontramos correspondências entre amigos nas quais o conteúdo revela uma relação simétrica de amizade entre emissores e receptores. Mais do que isso, estas cartas foram escritas por grandes estudiosos brasileiros, por exemplo, José Antônio Gonsalves de Melo Neto, historiador, escreve para o sociólogo Gilberto Freyre, seu primo, dando notícias do pai. Além disso, dentre as cartas de Pernambuco também temos as cartas pessoais de Manuel Bandeira, o poeta, remetidas a um amigo, Ascenso Ferreira, contando que foi aceito na Academia Brasileira de Letras, como também cartas a respeito do cotidiano do escritor. Os fragmentos a seguir demonstram essa relação:

- (98) *Caro Ascenso, Muito obrigado pelas suas felicitações a propósito de minha eleição para a Academia. Ando caprixando no discurso de recepção, e espero tomar posse no fim dêste Mês, entre 20 e 30. Serei recebido pelo Ribeiro. Mandei entregar a tua carta ao Sergio de Vasconcelos. Faço votos para que o negócio se faça. O Gilberto, que fêz aqui uma excelente conferência sôbre o Euclides, embarca amanhã para o Rio Grande do Sul.* [PE – CP263]
- (99) *Meu caro Gilberto, O dr. Pernambucano chegará às 15 hrs.; à vista do que o almoço não si realizará, sim o jantar. Para o qual – é claro – fica mantido o convite que lhe foi feito por Ivone. Meu pai ficará muito satisfeito si você não faltará – assim como nós. Um abraço do primo e amigo. José Antonio* [PE – CP265]

Nas correspondências de Minas Gerais, a relação existente entre remetentes e destinatários também é mais próxima por conta de serem amigos ou parentes (tios, sobrinhos, irmãos). Já os remetentes das cartas dos demais estados (RJ, RN e SC) são casais de noivos ou

namorados que trocam declarações de amor, informações sobre o seu cotidiano, gostos pessoais, passeios e trabalho, como vemos nos fragmentos:

- (100) *Querida Tia Sinhá Saudades!. Estava acabando de ler uma carta do Tio Caetano quando recebi a sua. Ele escreveu-me que já recebeu carta de Cecilia e que esta como chefe dos padioleiros ha de a 12 redias. Diz ao vovô que não precisa estar todas as noticias que eu comum Esta carta Vovô veio junto da nossa. O tio Caetano pede para rezarmos muito para viesse ia para Barra mansa que escrevia-nos Donde ele esta não tem tempo. Papae hoje vai escrever a ele um dos soldados que almoçaram aqui foi preso. [MG – CP242]*
- (101) *Minha amada Mariquinhas Que esta te vá encontrar boa de saude assim como aos teus, espero que já estejas boa de domingo, Eu minha querida cada vez ando mais inconsolavel do que nunca, tua ausencia é terrivel, preferia ser condenado aos serviços mais rudes que existe a estar longe de ti, longe de ti minha bela, tudo e diferente para mim; mundo parece-me que vae acabar a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pareço vel-a, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração. [RJ – CP288]*
- (102) *Caro Lourival. Sinceros cumprimentos Foi em uma dessas horas de saudades, que a poesia do amôr brilhava sobre meu ser, que fui surpreendida pela tua delicada e bem atenciosa cartinha, a qual, quisera possuir frases adequadas para responde-la; mas, como isto me é impossível, venho mesmo com a pobreza de minha inteligencia diser-te que após a tua sai da vivo a recordar aqueles momentos que me deleitava com as tuas frases meigas.[RN – CP330]*
- (103) *Prezado Amor Como esta é a segunda carta que mando a você coleí esta figurinha. Para quando você olhar para ela alembrar de meu nome e no mesmo tempo alembrar de mim também. Fez boa viagem? assim esperava! Como vais? espero que estivese corendo tudo bem. Aqui para mim esta corendo tudo bem. Ja fiz os papeis para comesar a trabalhar na fabrica Terminando estas poucas linhas com abraços de quem te ama [Remetente] R. [SC – CP370]*

Vemos, assim, que o nosso *corpus* é composto por um variado perfil social de remetentes o que nos possibilita verificar se há influências extralinguísticas na alternância entre Subjuntivo e Indicativo. Isso quer dizer que as cartas provenientes de Pernambuco podem nos trazer dados significativos por terem sido escritas por renomados autores nacionais, como também nos demais estados que possuem cartas escritas por pessoas “comuns”, isto é, que não estão em contato direto com a língua escrita padrão.

4.2 O gênero *carta*

Nesta subseção, traremos reflexões a respeito do gênero textual com o qual trabalhamos durante a coleta de dados. Antes de qualquer coisa, faremos uma breve passagem pela história do gênero *carta*, uma vez que as cartas podem ter exercido uma influência ampla e importante na formação de outros gêneros.

4.2.1 Breve histórico sobre o gênero “carta”

De acordo com as reflexões apontadas por Bazerman (2005, p.84), “os gêneros nos ajudam a navegar dentro dos complexos mundos da comunicação escrita”, pois, ao reconhecermos uma espécie de texto, reconhecemos a situação social e institucional que cerca a produção desse texto. Alguns gêneros surgem de atos de fala cotidianos mais comuns, tais como os atos de contar e lembrar, mas, por serem registros orais, não existem evidências diretas das circunstâncias e do uso desses gêneros.

Os primeiros registros escritos que se tem notícia foram feitos na forma de carta por militares, funcionários administrativos ou políticos no antigo Oriente Próximo e na Grécia. Essas cartas forneciam a identificação do autor e audiência e, no período mais antigo, de acordo com Bazerman (2005, p.86) “eram entregues por mensageiro pessoal da autoridade – o qual, dizia-se, passava a representar a própria presença ou projeção do emissor”. Assim, esses procedimentos de entrega dessas primeiras cartas representavam as relações sociais realizadas à distância por meio da carta (cf. BAZERMAN, 2005, p.87).

De seu uso em atos formais e oficiais, as cartas evoluíram e passaram a ser utilizadas para mensagens particulares. Como nos explica Bazerman (2005, p.87):

A manutenção e ampliação dos laços sociais modificaram as relações estabelecidas através das cartas para além do formal e oficial, em direção ao pessoal. Cartas pessoais familiares tornaram-se comuns entre todas as classes [...].

Além de servir como um meio de comunicação, as cartas pessoais também se tornaram um meio flexível de realizar muitos tipos de negócios e outras transações. Assim, nesse meio, começaram a surgir cartas de petição e as de recomendação entre a gama de cartas comerciais e administrativas.

Do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para mediar a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço de transações que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. Conforme Bazerman (2005, p.87-88), “as relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor

diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta”, mantendo entre os interlocutores uma ligação constante, mesmo estando em espaços distantes.

Além de manter próximos os indivíduos, a carta enfatizou o papel da “saudação”, recurso que possibilita identificar e conferir respeito às diferentes posições sociais de emissor e receptor, colocando ambos dentro de relações sociais institucionalizadas (cf. BAZERMAN, 2005, p.89).

Diferente dessa função social de interação, as cartas também serviram como documentos legais. Dentre esses documentos, encontravam-se concessões de mosteiros, arranjos contratuais, contratos de transferência, concessões de imunidade e privilégios, presentes, obrigações mútuas e outros documentos, estabelecendo alguma organização administrativa duradoura, e mais do que isso, instituía um direito legal quando necessário. Dessa forma, vemos que as cartas forneceram o meio para o desenvolvimento de gêneros importantes do direito, da política e do governo.

Um outro aspecto importante da história do gênero carta é que, em vários momentos, ela parece ter servido como uma forma transitória para permitir o nascimento de outros gêneros com uma função comunicativa definida e com amarras sociais. Segundo Bazerman (2005, p.93), são três os principais tipos de escrita que “floresceram na cultura impressa [e que] parecem ter alguma conexão com a carta: o jornal, a revista científica e o romance”. Em jornais, porque ainda há traços das cartas nessa indústria, por exemplo, os correspondentes dos jornais que são mantidos em países distantes e que enviam constantemente relatos de acontecimentos de determinada região; em revistas, porque seus primeiros números se deram, em grande parte, sob a forma de resumo das correspondências entre os editores; em romances, porque o romance epistolar foi uma das primeiras formas de ficção em prosa mais longas, escritas para impressão (cf. BAZERMAN, 2005, p.93).

Enfim, para finalizar esse breve resumo do percurso histórico das cartas, Bazerman (2005) afirma:

As cartas, comparadas a outros gêneros, podem parecer simples por serem tão abertamente ligadas às relações sociais e a escritores e leitores particulares, mas isso só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a sociedade que faz parte de toda escrita. Isso, entretanto, pode ser a própria razão por que as cartas têm sido tão instrumentais na formação de gêneros mais especializados e menos auto-interpretativos. (BAZERMAN, 2005, p.99)

4.2.2 A carta como instrumento de investigação linguística

A carta é um gênero textual bastante rico e complexo que pode ser utilizado como *corpus* para as pesquisas de variação/mudança linguística, visto que é um meio de comunicação entre pessoas distantes, que auxilia no registro das memórias e das condições de vida de uma época, como mencionado na subseção anterior. Além disso, na carta podemos encontrar diferentes graus de formalidade, que podem variar do mais formal ao informal (ou até mesmo pessoal) dependendo da situação (contexto) em que se encontra o emissor e, principalmente, de quem será o seu destinatário (conforme observações feitas por BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.56).

Sobre a origem das cartas, segundo as informações de Berlinck, Barbosa e Marine (2008) e mencionadas por Bazerman (2005), reafirmamos que surgiram como um meio de comunicação à distância, sendo possível transmitir informações não apenas pessoais, mas também sobre as condições de vida (aspectos sociais), de trabalho, do cotidiano.

Assim, “cada carta tem uma motivação própria para ser escrita, porém, todas elas possuem uma mesma característica, que define e marca essa escrita: *a complementaridade entre a ausência e a presença*” (Castilho Gómez *apud* BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.57). De acordo com esse autor, no momento em que um indivíduo escreve uma carta, ele pensa em quem será o outro (seu destinatário) com quem manterá um diálogo. Podemos afirmar, então, que a carta busca sempre a presença do seu interlocutor, resultando em um efeito simultâneo de presença e ausência, em que, embora o receptor esteja sempre presente no texto, sua presença nos sugere um outro lugar (cf. BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.57).

Com relação ao grau de formalidade das cartas, Berlinck, Barbosa e Marine (2008) propõem que observemos, na sua estrutura formal e no seu conteúdo, aspectos tais como: saudações iniciais, assunto e despedida, devido ao fato de quando aquele que escreve “escolhe” aquele para quem escreve, ele, conseqüentemente, molda o seu discurso de acordo com essa escolha. Nesse sentido, um dos aspectos fundamentais para a percepção do grau de formalidade é o pronome de tratamento selecionado ao longo do discurso. Fazendo uma relação com o nosso *corpus*, observamos a influência do outro nas correspondências pela escolha dos termos de saudação e de despedida encontrados nas cartas, como mostram os fragmentos a seguir:

(104) Minha bôa Tutú. É de meu summo contentamento se esta *te* encontrar fruindo paz e tranquillidade. Eis o meu maior desejo. Em minhas humildes mãos as *tuas* duas ultimas

cartas, as quaes me foram cuidadosamente entregues pelo meu amigo Pery. [...] Escreva-me e perdôe a extensão desta. Teu admirador sincero Carlos. [BA – CP126]

- (105) Carlos: Que estejes bom, juntamente a todos d’ahi, e que Deus te conserve sempre um moço digno da sua proteção, como tem sido até hoje. Eu até o fazer d’esta, vou bem de saude; [...] Quando *apareces* aqui? Desta que te ama lealmente: (Tutú) [BA – CP125]
- (106) Caro Gilberto, Há muito que lhe escrevi e *você* não deu nenhuma resposta. Fiquei pensando em que *você* estivesse aborrecido comigo. Olivio porém me escreveu mandando um abraço de sua parte [...] Vou passar uns dias e talvez vá a São Paulo. Tudo muito nervoso Escreva-me. Do seu amigo de sempre José Lins do Rego. [PE – CP260]
- (107) Caro Ascenso, Muito obrigado pelas suas felicitações a propósito de minha eleição para a Academia. Ando caprixando no discurso de recepção, e espero tomar posse no fim dêste Mês [...] Receba um abraço para *você*, outro para Stela do amigo velho Bandeira. [PE – CP263]
- (108) Presada Irmã Deus que esteja em sua companhia, e cum assim de todos os nossos, Irmãos sobrinhos e conhadados. Tenho pedido todos os dias em minhas orações a Deus pelas suas melhoras [...] Aceite recomendações de Sici D. Zinha estensivo a Bilica os meninos Vicente Nhanhá Dico. e Abraço Do irmão tio e conhado Abraça o irmão Francisco Xavier Ramos. [MG – CP245]
- (109) Minha amada Mariquinhas Que esta te vá encontrar boa de saude assim como aos teus, espero que já estejas boa de domingo, Eu *minha querida* cada vez ando mais inconsolavel do que nunca, tua ausencia é terrível [...] Lembranças aos teus, beijos para Hilda, e para voce minha querida quantos beijos, quantos tu desejar. Jayme O. Saraiva. [RJ – CP288]

Em todos os fragmentos, vemos que há uma relação de proximidade entre autor e destinatário. Seja por serem namorados (exemplo (101)), amigos (exemplos (98) e (99)) ou noivos (exemplos (96) e (97)), a forma de tratamento utilizada para saudação e despedida é pouco formal. Pronomes e outros elementos ao longo da carta (casos como *você*, *te*, *minha querida*, indicados em itálico) também reforçam o tipo de relação que o remetente quer estabelecer. Tais estratégias são menos formais que aquelas presentes em cartas trocadas por pessoas de diferentes posições sociais. Como vemos no fragmento (102):

- (110) Ilustre e distincto amigo senhor Dr. Severino Vieira- Queira Vossa Senhoria aceitar com todos da sua Excelentissima Familia as minhas cordiaes saudações. Faltaria a um dos mais sagrados devêres, se deixando de parte o silencio em que me tenho conservado, não procurasse hoje dar a Vossa Senhoria as minhas noticias, testemunhando ao mesmo tempo o meu sincero e immorredoiro agradecimento. [...]

Com alta estima e admiração subscrevo-me de Vossa Senhoria amigo criado muito grato Agnello Leite. [BA – CP01]

Nesse trecho, percebe-se que, ao escrever, o remetente leva em conta a posição e a importância social do destinatário ao empregar em seu discurso a forma de tratamento “Vossa Senhoria”, forma essa utilizada por pessoas de *status* social inferior ao se dirigirem a pessoas que julgam estarem em um patamar social mais alto. Com relação a essa influência bastante relevante do destinatário na comunicação verbal, Bakhtin (2000 *apud* BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.178) explicita:

A estrutura da sociedade em classes introduz nos gêneros do discurso e nos estilos uma extraordinária diferenciação que se opera de acordo com o título, a posição, a categoria, a importância conferida pela forma privada ou pela notoriedade pública, pela idade do destinatário e, de modo correlato, de acordo com a situação do próprio locutor (ou escritor).

Vemos, então, que o grau de formalidade ([+] ou [-] formal) da carta adapta-se à audiência do locutor (ou escritor), de forma mais evidente, através das formas de tratamento utilizadas ao longo do discurso e, mais do que isso, das formas de saudação e despedida que são produzidas de acordo com o seu destinatário. Podemos estabelecer como hipótese que diferenças de formalidade serão relevantes para o estudo da variação: o grau de formalidade no texto escrito (e não apenas nas cartas) “constitui fator essencial num trabalho de abordagem variacionista, seja este sincrônico ou diacrônico, já que fenômenos linguísticos de variação tendem a “se mostrar” em textos mais informais” (BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.64), visto que há uma preocupação menor do falante com a *maneira do dizer*, estando mais atento *naquilo que diz* (cf. BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008).

Embora uma visão tradicional de fala e escrita associe essa a uma linguagem formal, prescrita pelas gramáticas tradicionais, sabemos que há heterogeneidade tanto no texto oral como no texto escrito. Com o objetivo de se aproximar mais do leitor/destinatário, o escritor/remetente se utiliza de recursos associados à linguagem oral, adaptando o grau de formalidade do seu discurso. Vemos essa situação, como já dissemos, em cartas pessoais (fragmentos (96) ao (101)) em que o indivíduo se permite uma escrita mais informal, mais despreocupada com as normas gramaticais. Dessa forma, podemos retomar o que já dissemos e afirmar que *o que se diz* (conteúdo) é mais importante do que o *modo como se diz* (forma) (cf. BERLINCK, BARBOSA e MARINE, 2008, p.64).

Com base nisso, acreditamos que as cartas pessoais formam um rico contexto para a análise da variação/mudança linguística, desde que levemos em conta o grau ou o *continuum* de formalidade presente no texto, que pode ser percebido pela combinação de vários fatores: “quem fala com quem”, “o assunto”, “o lugar”, “os personagens”. Em conjunto, esses fatores vão favorecer o aparecimento ou a omissão de determinados elementos linguísticos.

4.3 A Análise

A metodologia empregada neste estudo inclui duas etapas: (i) o levantamento prévio de informações em gramáticas, manuais e outros materiais de cunho normativo similares, representativos do período de tempo compreendido pela análise, e o levantamento de resultados obtidos em estudos variacionistas sobre o fenômeno; (ii) a análise empírica do fenômeno a partir dados oriundos de cartas pessoais datadas do século XX.

Com a primeira etapa, obteve-se um quadro de referência da ‘norma’ relativa ao objeto de estudo, assim como uma descrição do que se sabe sobre o fenômeno com base em estudos empíricos sincrônicos. O quadro construído nessa primeira etapa de pesquisa foi apresentado na Seção 3. Em relação a isso será possível contrapor o(s) ‘uso(s)’ identificados na análise empírica.

As gramáticas consultadas estão disponibilizadas na internet pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP; o conjunto inclui algumas gramáticas do final do século XIX e início do XX, além de gramáticas do século XVI. Para nosso propósito, selecionamos quatro gramáticas tradicionais da língua portuguesa: *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1923), de Manuel Said Ali; *Gramática Expositiva* (1907), de Eduardo Carlos Pereira; *Gramática Portuguesa: 3º ano* (1889), de João Ribeiro e *Gramática Portuguesa* (1899), de Júlio Ribeiro. Por meio destas gramáticas, fizemos o nosso quadro de referência, procurando a norma relativa ao uso do Subjuntivo para que, assim, pudéssemos contrapor ao que foi encontrado nas cartas e, assim, identificar a trajetória da variação Subjuntivo/Indicativo ao longo da tradição gramatical portuguesa.

A segunda etapa se constitui pela análise empírica da alternância, seguindo a metodologia variacionista, que incluiu: (i) o levantamento de uma amostra representativa de dados nas cartas pessoais, com ênfase nos contextos que sofrem algum tipo de avaliação por parte da norma prescritiva, (ii) sua análise segundo os grupos de fatores definidos a partir das hipóteses, (iii) a quantificação dos dados analisados por meio do programa estatístico GOLDVARB (TAGLIAMONTE, 2006), (iv) a interpretação dos resultados quantitativos à luz dos pressupostos teóricos que embasam o estudo.

de uma maneira distinta da que realizamos, por exemplo, através da conjunção *que*, nos daria resultados que não fazem parte da nossa análise, como outros tipos de orações complexas ou Indicativo sendo selecionado por um regente que não foi encontrado selecionando Subjuntivo. O objetivo foi, como dissemos antes, restringir a análise apenas aos contextos realmente variáveis.

Durante a coleta, encontramos alguns casos de dados que tiveram que ser excluídos, pois constatamos que se distanciam daquilo que buscamos (contextos de variação). São eles: os casos em que a forma de Indicativo e Subjuntivo é idêntica (p. ex., *vamos* – verbo *ir* na 1ª pessoa do plural tanto do Indicativo como do Subjuntivo; *vão* – verbo *ir* na 3ª pessoa do plural tanto do Indicativo como do Subjuntivo); orações clivadas (*não é que eu fique ou esteja preocupado conscientemente com alguma coisa...* [BA – CP207]) que são ligadas às orações relativas; e orações que continham como regente o verbo *dizer*, que em associação com o Subjuntivo expressa um valor específico, de ordem, como vemos no exemplo (113) encontrado no *corpus*:

(113) ...*pois até agora nada me disseram que me ferissem ou ofendesse a você.* [BA – CP154]

4.3.2 Grupos de fatores linguísticos

Com base nos estudos já realizados sobre o fenômeno (cf. Seção 3.3), selecionamos grupos de fatores linguísticos que julgamos poderem ser significativos para a comprovação ou refutação de nossas ideias iniciais. Constituem, então, hipóteses sobre o funcionamento do fenômeno. Desse modo, confrontamos nossa variável dependente com todos os grupos buscando possíveis explicações para a variação.

Abaixo, listamos nossos grupos de fatores linguísticos, procurando descrevê-los e explicar as hipóteses subjacentes a cada um deles.

1. Identidade lexical do regente verbal

Como observado nos estudos variacionistas de Meira (2006) e Carvalho (2009), este grupo de fatores demonstrou relevância sob o aspecto de constatar com que frequência um mesmo regente seleciona ora Subjuntivo ora Indicativo. Além disso, nos estudos de Poplack *et al* (2013), foi comprovado que verbos regentes com valores semânticos diferentes empregam Subjuntivo/Indicativo na oração encaixada. Dessa forma, o intuito deste grupo de fatores linguístico é verificar se há algum regente verbal específico que favoreça a seleção de

Indicativo ou Subjuntivo na oração encaixada. Nesse grupo, encontramos 43 diferentes regentes verbais nas cartas pessoais dos seis estados selecionados (que estão apresentados na Seção 5).

2. Tempo verbal da oração principal

A proposta deste grupo de fatores, também controlado nos estudos de Pimpão (2012), Fagundes (2007) e Meira (2006), é verificar se algum tempo constante nessa posição da sentença se correlaciona mais fortemente com a escolha de Subjuntivo ou Indicativo em contextos de Subjuntivo. Exercendo essa função morfológica na oração, encontramos, além dos morfemas modo-temporais elencados a seguir, algumas formas nominais e o modo Imperativo:

(i) Presente do Indicativo

- (114) *Minha querida **espero** que tu acredites no meu amor tanto quanto eu desejo...* [RJ – CP300]
 (115) *Já houve o júri do assassino do Antonio Gomes, **penso** que ele tem que ficar algum tempo porque teve um voto contra e o promotor apelou.* [MG – CP255]
 (116) *Com relação à sua viagem a Alagôas, **peço** que me confirme si Diegues, de facto, estendeu a mim o convite para a viagem...* [PE – CP266]

(ii) Pretérito Perfeito

- (117) *Você já **pensou** que inferno será a nossa vida se você ficar vendo eternamente nos meus olhos, uma significação errônea?* [BA – CP192]
 (118) *E você me **pediu** que lhe escrevesse ainda embalado na felicidade dos dias que ai passei.* [BA – CP226]
 (119) *Aquela hora **tive uma impressão** que o mundo estava prestes a se acabar.* [RN – CP340]

(iii) Imperfeito

- (120) *Minha flor esta noite tive um sonho tão lindo contigo, que muito **desejava** que fosse realidade...* [RJ – CP310]
 (121) *Eu só **queria** que tú sentisses em teu peito, a dor que eu sentia no meu...* [RJ – CP296]
 (122) ***Supunha** que fosse no fim do mês.* [PE – CP278]

(iv) Futuro do Pretérito

- (123) ***Gostaria** que passasse os olhos nessa pobre nota.* [PE- CP274]
 (124) *...claro que ele **desejaria** você afinasse com ele.* [BA – CP166]

(125) *É um assunto tão absurdo que eu **gostaria** que não falássemos mais sobre ele.* [BA – CP178]

(v) Futuro do Presente

(126) *...confio sempre na dignidade de tua ilustre pessoa, que não **fará com** que eu passe por tamanho dessabôr.* [RN – CP360]

(127) *Você **sentirá** independente que eu me esmere, esforce-me, para lhe dizer enfim: eu lhe amo velhinha.* [BA – CP240]

(128) *...esse sentimento **fará com** que eu lhe compreenda como ninguém...* (BA – CP209)

(vi) Gerúndio

(129) *...então fiquei muito mais inquieto, **julgando** que tivesse acontecido alguma coisa ahi.* [RJ – CP292]

(130) *...**desejando** que o mesmo ano te proporcione a maior soma de felicidades!* [RN – CP335]

(131) *Wanda, **temendo** que acontecesse alguma coisa, veio passar a noite comigo.* [BA – CP194]

(vii) Infinitivo

(132) *Eu estava aflita para tu noticiado Vicente, mandei **pedir** que não dechasse de mandar...* [MG – CP256]

(133) ***Esperar** que você compreendesse tudo por si mesma, recebesse a lição que a Vida sempre dá.* [BA – CP191]

(134) *Você erra redondamente em **julgar** que você nada significa para mim.* [BA – CP142]

(viii) Imperativo

(135) ***Deixe** que eu me castigue agora.* [BA – CP199]

(136) ***Imagine** velhinho, que terça feira, isto é, ontem, como sempre não tive aula.* [BA – CP185]

(137) ***Pense** apenas que eu lhe adoro.* [BA – CP232]

3. Subjuntivo prescrito ou não

Esse grupo de fatores se baseia em critérios normativos propostos pelas gramáticas consultadas. Por meio da prescrição gramatical relativa ao uso do Subjuntivo, separamos em duas categorias os regentes verbais coletados: ‘Subjuntivo prescrito’ e ‘Subjuntivo não-prescrito’. De acordo com essa categorização, examinamos os contextos nos quais ocorreu a troca de Subjuntivo por formas de Indicativo.

(i) Prescrito

(138) *...**estimo** que descanses um pouco...* [RJ – CP299]

- (139) *Espero que ao receberes este te encontres de perfeita saúde...* [RJ – CP327]
 (140) *...a minha irman **quer** que eu fique a té o dia 17.* [RJ – CP313]

(ii) Não prescrito

- (141) *Que me **importa** que você se aborreça por falar assim.* [BA – CP219]
 (142) *...**resta** apenas que você aceite como o melhor e o mais caro que Otto possui.* [BA – CP230]
 (143) ***Confió** entretanto que agora você tendo um incentivo comece a adquirir este senso.* [BA – CP187]

4. Tempo verbal da oração encaixada

A proposta deste grupo de fatores é obter uma caracterização mais detalhada da variável dependente em termos do tempo. O objetivo é identificar se há algum tempo verbal que se associa mais fortemente a uma ou outra variante. Os tempos verbais encontrados nessa posição são os seguintes:

(i) Presente

- (144) *Espero que **fasas** o posível para passiares com migo no carnaval...* [RJ – CP324]
 (145) *...eu tenho a impressão de que talvez **tenham** ficado aborrecidos ou não **querem** a nossa amizade.* [MG – CP250]
 (146) *...e creio, que se de fato me tens amisade como confessas, farás um pouquinho de sacrificio e **vens**...* [RN – CP356]

(ii) Imperfeito

- (147) *...eu queria que voçe **foce** com migo a missa na Penha...* [RJ – CP317]
 (148) *...eu comecei a imaginar que você **estava** doente.* [BA – CP196]
 (149) *...pensando que seu olhar **significava** apenas o que enganosamente lhe ensinaram...* [BA- CP191]

(iii) Pretérito Perfeito

- (150) *...sinto que **deixei** um pedaço de mim mesma nesta terra...* [BA – CP141]
 (151) *Tenho a impressão de que **envelheci** anos e anos.* [BA- CP206]
 (152) *...e sinto que o urubu **guspiu** na minha cabeça!* [BA – CP230]

(iv) Futuro do Pretérito

- (153) *Se eu quizesse, velhinha, analisar o porquê da insegurança em que estive desde o principio deste mês penso que **morreria** maluco.* [BA – CP198]
 (154) *...penso que ainda **encheria** algumas folhas de papel com uma análise de como se me apresenta o problema...* [BA – CP168]

(155) *depois pensei que bem **poderia** não haver interesse da sua arte em responder.* [BA – CP153]

(v) Futuro do Presente

(156) *...não fiques pensando que se assim acontecer, **ficarei** de mau humor...* [RN – CP360]

(157) *Confio que me **darás** o prazer de vir passar uns dias como prometeste, aqui, esta semana.* [RN – CP358]

(158) *...mas estou procurando pensar que **valerá** a pena.* [BA – CP229]

5. Identidade lexical do verbo da oração encaixada

Neste grupo de fatores, identificamos os verbos da oração encaixada em sua forma lexical, com a finalidade de verificar se há verbos que se associam preferencialmente com o Subjuntivo ou com o Indicativo. Os exemplos de (144) a (158), além de destacar o tempo verbal da oração encaixada, também ilustram essa situação.

6. Padrão morfológico do verbo da oração encaixada

A proposta deste grupo de fatores é classificar os verbos da oração encaixada de acordo com a morfologia, categorizando-os em *regular*, *irregular* e *supletivo*. As distinções se baseiam no princípio da saliência fônica, segundo o qual quanto mais perceptíveis forem as distinções entre as formas de Indicativo e Subjuntivo em cada um dos tempos considerados, maior é a probabilidade da prescrição gramatical se manter: ou seja, sendo formas muito distintas, e considerando a prescrição de uso do Subjuntivo em tais contextos, a forma de Subjuntivo deveria predominar. Desse modo, espera-se uma maior frequência de uso de Subjuntivo com verbos categorizados como *supletivo*. Abaixo, apresentamos alguns exemplos dessa categorização:

- (i) Regular:** enquadram-se nessa categoria: Presente, Imperfeito e Futuro de verbos regulares; 1ª pessoa do singular do tempo presente de TER (tenho/tenha), FAZER (faço/faça); formas do presente de IR e DAR.

(159) *É preciso sempre que eu o **faça**.* [BA – CP197]

(160) *...mas, sinto que o **faço** como se acalmasse à alguém que teve sonhos...* [BA – CP184]

- (ii) Irregular:** todos os verbos com formas distintas de Indicativo e Subjuntivo pertencem a esta categoria. Suas distinções apresentam-se no morfema, ou na

vogal temática e, por vezes, no radical, mas ainda é possível recuperar uma identidade. São diferenças pequenas se comparadas às formas de supletivo. No presente, temos os verbos ESTAR, SER (exceto a 3ª p. sg.), FAZER (exceto a 1ª p. sg.), TER (exceto a 1ª p. sg.). No passado, ESTAR, DAR, FAZER, TER. No futuro, DAR, DIZER, ESTAR, FAZER, HAVER, POR, SABER, TER, TRAZER, VER, VIR.

(161) *Não pensei também que você **estivesse** enganando a mim, mas enganando a si próprio.*
[BA – CP165]

(162) *Quando penso que **estou** progredindo, cometo uma asneira.* [BA – CP178]

(iii) Supletivo: nessa categoria, as formas de Indicativo e Subjuntivo são completamente diferentes:

- SER – 3ª p. sg.: presente (é/seja), passado (era/fosse), futuro (será/for),

- IR – 3ª p. sg.: passado (ia/fosse), futuro (irá/for)

(163) *...mas sentimos que a vida **é** bela.* [BA – CP212]

(164) *Que a felicidade e a alegria **sejam** tuas inseparáveis companheiras, é o que desejo-te.*
[SC - CP377]

7. Tipo de sentença da oração principal

Com este grupo de fatores, procuramos verificar a relação entre o modo Subjuntivo e o valor semântico contido na oração principal, ou seja, se o contexto semântico do evento referido na oração principal tende a favorecer o uso das formas de Subjuntivo. Para isso, selecionamos três fatores de análise: *oração afirmativa, negativa e interrogativa*. Assim, esperamos que esse modo verbal tenda a ocorrer nas completivas de orações principais negativas, já que esse tipo de sentença contém proposições hipotéticas que, portanto, estariam associadas ao valor semântico usualmente atribuído ao Subjuntivo.

(i) Afirmativa

(165) *Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde, e que estejas um pouco aliviada da dor que sentias no peito...* [RJ – CP300]

(166) *Minha querida noivinha saudades enfim! **Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde**, eu vou bem graças a Deus.* [RJ – CP301]

(ii) Negativa

(167) *...**não** quero que faças nada contra a vontade.* [RJ – CP294]

(168) *Não* pensei que a coisa feita com tanta pressa, saísse tão exata e com linha tão expressiva. [PE – CP279]

(iii) Interrogativa

(169) *Você não sente que eu estou com você?* [BA – CP233]

(170) *E não é maravilhoso que assim aconteça?* [BA – CP214]

4.3.3 FECHANDO A SEÇÃO

Apresentados os grupos de fatores que fazem parte da nossa análise de dados, vamos aos resultados por eles encontrados para que, assim, possamos verificar a real importância de cada fator linguístico nesta pesquisa. Portanto, na próxima seção estão contidas a análise e discussão dos dados encontrados no *corpus*.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Visão Geral dos Resultados

De acordo com o exposto sobre o uso do modo Subjuntivo, tanto gramáticas tradicionais como nos estudos variacionistas (Seção 3.3), percebemos que são apontados alguns contextos propícios para o uso desse modo verbal: regentes verbais com valores semânticos específicos, alguns tipos de orações subordinadas, incerteza do enunciador, dentre outros. Nossa análise leva em conta apenas a alternância em contexto de orações completivas, junto de regentes verbais que apresentaram pelo menos um dado de Subjuntivo na oração complemento. Ao analisarmos o *corpus*, pode-se notar a presença, em alguns momentos, do modo Indicativo onde o Subjuntivo é prescrito.

Nosso *corpus* de análise conta com um conjunto de 272 dados retirados das cartas pessoais dos seis estados brasileiros já mencionados – Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina. Nesse conjunto, tivemos um índice geral maior de uso do Subjuntivo (72,4%), contabilizando 197 sentenças completivas nesse modo verbal, o que deixa evidente o índice menor de Indicativo (27,6%) em apenas 75 sentenças. Esse resultado geral sugere que o uso de Subjuntivo ainda era produtivo em textos escritos do período analisado (1932 – 1973). Mais adiante verificaremos quais foram os contextos que se mostraram propícios para o emprego de Subjuntivo, como também os contextos que permitiram a entrada do Indicativo onde era previsto Subjuntivo, para que, assim, possamos fazer um estudo comparativo entre os resultados obtidos nos estudos apresentados na Seção 3 e os resultados obtidos com a nossa pesquisa.

Para simplificarmos a apresentação dos resultados gerais, expomos a seguir a tabela 1 com os índices gerais de uso de Subjuntivo e Indicativo por estado analisado, comentando as diferenças observadas em cada um.

Tabela 1: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo em cartas pessoais de 6 estados brasileiros (1932 – 1973)⁹

		Subjuntivo	Indicativo	TOTAL	Índice Geral
Rio de Janeiro	nº	67	4	71	26,1%
	%	94,4	5,6		
Santa Catarina	nº	14	2	16	5,9%
	%	87,5	12,5		
Bahia	nº	82	58	140	51,5%
	%	58,6	41,4		
Rio Grande do Norte	nº	8	8	16	5,9%
	%	50	50		
Pernambuco	nº	22	0	22	8,1%
	%	100	0		
Minas Gerais	nº	4	3	7	2,6%
	%	57,1	42,9		
TOTAL GERAL	nº	197	75	272	
	%	72,4%	27,6%		

Fonte: Elaboração própria

Ao observarmos os resultados apresentados na tabela 1, verificamos que Bahia e Rio de Janeiro foram os estados de cujas cartas obtivemos maior quantidade de dados, 140 e 71, respectivamente, o que representa em índices gerais 51,5% de dados correspondentes à Bahia e 26,1% ao Rio de Janeiro. Para esse estado, do total de 71 sentenças, localizamos 67 (94,4%) empregando em suas orações encaixadas o Subjuntivo, um índice quase categórico. No caso da Bahia, embora o índice de Subjuntivo seja maior do que o de Indicativo (58,6%), a diferença entre os modos é bastante menor, tendendo para uma variação mais equilibrada.

Os demais estados apresentaram índices gerais menores comparados aos dois estados mencionados, mas seus resultados demonstraram ser significativos quando os analisamos separadamente, isto é, por estado. Com as cartas pertencentes a Santa Catarina, coletamos, como demonstrado na tabela 1, 16 sentenças completivas (5,9% do total) das quais 14 apareceram com o Subjuntivo, correspondendo a 87,5% das orações. Nos dados do Rio Grande do Norte, as sentenças completivas coletadas dividiram-se entre os dois modos igualmente: 50% de ocorrências no Subjuntivo e 50% de Indicativo, contabilizando um total de 16 orações (5,9% do total). Em Minas Gerais, estado em que obtivemos um reduzido número de dados (apenas 7 sentenças – 2,6% do total), as orações também se dividiram entre Subjuntivo (57,1%) e Indicativo (42,9%).

⁹ Como vemos na tabela 1, o pouco número de dados em cada estado nos obrigou a conduzir a análise de uma forma mais geral, não sendo possível uma análise mais detalhada por estado.

Com os dados de Pernambuco, o resultado demonstrou-se categórico, pois em todas as 22 ocorrências de sentenças completivas (8,1% do total) só obtivemos casos de Subjuntivo, divergindo dos resultados apresentados até o momento. Esse resultado em Pernambuco poderia se justificar pelo fato de termos, nas cartas pessoais, interlocutores que possuem um domínio diferenciado da norma escrita portuguesa, visto que o *corpus* referente a esse estado foi coletado de cartas escritas por consagrados escritores da literatura nacional, como Ariano Suassuna e Manuel Bandeira, e remetidas a Gilberto Freyre.

Em relação ao modo Indicativo, vimos que a sua colocação em contextos de Subjuntivo ainda é “acanhada”, porém ativa. À exceção de Pernambuco, os dados de todos os estados apresentaram ocorrências com esse modo verbal, dando indícios de variação linguística (que serão discutidos mais à frente). Pela tabela 1, constata-se que os dados coletados da Bahia apresentam um alto percentual de Indicativo. Do total de 140 ocorrências completivas, 58 (41,4%) são de Indicativo na oração encaixada, indicando que a norma gramatical ganha flexibilidade em alguns contextos. Com os dados coletados das cartas do Rio Grande do Norte e de Minas Gerais, percebemos que o uso de Indicativo equipara-se ao uso de Subjuntivo, sendo pequena a diferença percentual em Minas. Isso demonstra que, em certos contextos, o Indicativo tem substituído o Subjuntivo contrapondo a tradição gramatical. Portanto, com base nesses resultados, vamos, a partir de agora, apresentar e descrever esses contextos de uso do Subjuntivo buscando identificar quais deles permitem ou não a entrada de Indicativo no lugar de Subjuntivo.

5.2 Identidade Lexical do Regente Verbal

Um dos principais aspectos associados tradicionalmente à alternância entre Subjuntivo e Indicativo em orações completivas é a natureza semântica do regente verbal. Como vimos na síntese do tratamento dado pelas gramáticas a esse tema (Seção 3.2), pela descrição da estrutura das orações completivas (Seção 3.1) e pelas constatações de estudos variacionistas (Seção 3.3), o Subjuntivo ocorreria junto a certas classes semânticas de verbos tais como *verbos de volição, manipulação, elocução, causativos, atitude e modalidade* (GONÇALVES *et al*, 2016, p.76-85). A análise do conjunto de dados colhidos em nossas amostras, porém, revelou que não há um comportamento consistente em termos de classe semântica do regente, o que fica claro quando observamos a sua *identidade lexical*. É esse aspecto que passamos a expor.

No conjunto de dados analisados, observamos um grande número de regentes verbais diferentes (43 em todo o *corpus*), que vem apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Regentes verbais encontrados no *corpus*.

Regentes Verbais
<p>Aconselhar, Acreditar, Alegrar-se, Aliviar, Almejar, Bastar, Calcular, Confiar, Crer, Deixar, Dependder, Desconhecer, Desejar, Estar ansioso (a), Estar com medo, Estimar, Evitar, Exigir, Fazer (com), Gostar, Imaginar, Implorar, Importar-se, Julgar, Lamentar, Mandar, Necessitar, Ordenar, Pedir, Pensar, Permitir, Poder, Preferir, Querer, Restar, Sentir, Ser + Adj/N (justo, lógico, maravilhoso, ótimo, o desejo, pena, possível, preciso, provável), Supor, Temer, Ter (a) impressão, Ter medo, Ter paciência, Poder ser.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Apesar do número significativo de regentes, constatamos que os dados não se distribuem de forma homogênea entre eles, ficando concentrados em um pequeno grupo. Para evitar distorções na análise e permitir avaliar de modo mais consistente o efeito do tipo de verbo, optamos por manter em nossa análise apenas os regentes com o número mínimo de quatro dados de orações completivas.

Assim, foram retirados da análise as ocorrências com os regentes verbais: *aconselhar, acreditar, alegrar-se, aliviar, almejar, calcular, confiar, depender, desconhecer, estar ansioso(a), estar com medo, evitar, exigir, gostar, imaginar, impedir, implorar, lamentar, mandar, necessitar, ordenar, permitir, poder, preferir, restar, supor, temer, ter medo, ter paciência e poder ser*. Todos esses contam com dois ou apenas um dado, o que não nos permite avaliar sua possível atuação sobre a escolha do modo verbal na completiva. Desse modo, do total de 272 dados, passamos a trabalhar com um conjunto um pouco menor: com 236 sentenças completivas e um número reduzido de regentes que, por concentrar mais dados, são os mais frequentes no *corpus*.

Portanto, nosso *corpus* de análise passou a ter 15 regentes verbais que são assim identificados: *bastar, crer, deixar, desejar, esperar, estimar, fazer (com), importar, julgar, pedir, pensar, querer, sentir, ser + adjetivo nominal (justo, lógico, maravilhoso, ótimo, o desejo, possível, preciso, provável), ter (a) impressão*. A tabela 2 elenca esses regentes selecionados juntamente com a frequência de uso de Subjuntivo por estado.

Tabela 2: Frequência de uso de Subjuntivo diante dos regentes verbais mais frequentes no *corpus* divididos por estado.

Regente	RN		PE		BA		RJ		MG		SC		Total	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Esperar	-	-	100%	5/5	100%	9/9	100%	33	100%	1/1	100%	6/6	100%	54/54
Pensar	0%	0/2	100%	2/2	7,4%	2/27	-	-	0%	0/1	-	-	12,5%	4/32
Querer	-	-	-	-	100%	12/12	100%	12/12	0%	0/2	100%	1/1	92,6%	25/27
Sentir	-	-	-	-	10%	2/20	0%	0/2	-	-	0%	0/1	8,7%	2/23
Ser + Adj/N	100%	2/2	-	-	93%	13/14	50%	1/2	100%	1/1	100%	3/3	91%	20/22
Desejar	100%	2/2	-	-	100%	5/5	100%	6/6	-	-	100%	1/1	100%	14/14
Pedir	100%	1/1	100%	6/6	100%	3/3	0%	0/1	100%	1/1	100%	1/1	92,3%	12/13
Estimar	-	-	-	-	-	-	100%	10/10	-	-	-	-	100%	10/10
Crer	0%	0/3	-	-	100%	2/2	-	-	-	-	-	-	40%	2/5
Julgar	-	-	-	-	25%	¼	100%	2/2	-	-	0%	0/1	43%	3/7
Ter Impressão	0%	0/1	-	-	17%	1/6	-	-	100%	1/1	-	-	25%	2/8
Deixar	100%	1/1	-	-	100%	6/6	-	-	-	-	-	-	100%	7/7
Fazer (com)	100%	1/1	-	-	100%	4/4	-	-	-	-	-	-	100%	5/5
Importar	-	-	-	-	100%	5/5	100%	1/1	-	-	-	-	100%	6/6
Bastar	-	-	100%	1/1	100%	1/1	-	-	-	-	100%	2/2	100%	4/4

Com base no resultado obtido e demonstrado na tabela 2, foi possível identificar padrões de comportamento distinto entre os regentes. O regente verbal *esperar* concentra uma grande quantidade de dados (54) e sua escolha por Subjuntivo em orações encaixadas foi categórica. Além desse regente, *desejar*, *estimar*, *deixar*, *fazer (com)*, *importar* e *bastar* também foram categóricos na seleção de Subjuntivo, mas com a quantidade de dados menor: 14, 10, 7, 5, 6 e 4, respectivamente. Por outro lado, vemos que alguns regentes foram quase ou semi-categóricos ao empregar Subjuntivo na completiva. Esse é o caso dos regentes *querer*, *pedir* e *ser + Adj/N*, que apresentam apenas um ou dois dados de Indicativo. Diferentemente dessa situação, os regentes verbais *pensar*, *sentir*, *crer*, *julgar* e *ter (a) impressão*, que também apresentam casos em ambos os modos, demonstraram selecionar mais vezes o Indicativo em sua completiva, indicando um uso variável entre os modos.

Dessa maneira, foi possível identificar três padrões de uso do Subjuntivo: uso categórico, uso semi-categórico e uso variável. A partir deles, vamos dividir e desenvolver a nossa análise, observando como se caracterizam os dados na relação com essas categorias. Portanto, nossa análise parte das seguintes categorizações:

- (i) **Uso categórico:** *esperar*, *estimar*, *importar*, *desejar*, *bastar*, *deixar* e *fazer (com)*;
- (ii) **Uso semi-categórico:** *querer*, *pedir* e *ser + Adj/N*;
- (iii) **Uso variável:** *pensar*, *sentir*, *crer*, *julgar* e *ter (a) impressão*.

5.3 Caracterização dos padrões de uso do Subjuntivo

Vimos na subseção anterior que há três padrões de uso do Subjuntivo. O primeiro deles contém os regentes verbais que demonstraram ser categóricos na escolha do modo verbal, selecionando apenas o Subjuntivo: do total de 236 ocorrências, 41,9% (99 casos) apareceram com as orações completivas nesse modo. Em seguida, temos o grupo dos regentes ao qual chamamos de ‘semi-categórico’: 26,3% das ocorrências encontradas apresentaram seus dados com um ou dois casos de Indicativo, demonstrando um uso quase categórico de Subjuntivo. O último grupo, que contém os regentes que apresentaram um uso variável do Subjuntivo, aparece com um índice de 31,8% de frequência (em 75 orações), dando indícios de variação linguística. A tabela 3 expõe essa frequência de uso do Subjuntivo e Indicativo segundo esses três padrões de uso do Subjuntivo encontrados durante a análise:

Tabela 3: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os padrões de uso do Subjuntivo.

		Subjuntivo	Indicativo	TOTAL	Índice Geral
Categórico	n°	99	-	99	41,9%
	%	100	-		
Semi-categórico	n°	57	5	62	26,3%
	%	91,9	8,1		
Variável	n°	13	62	75	31,8%
	%	17,3	82,7		
TOTAL GERAL	n°	169	67	236	
	%	71,6%	28,4%		

Fonte: Elaboração própria

A partir desse rearranjo dos dados, nosso objetivo é caracterizar cada um dos padrões de acordo com os fatores que atuam nesse processo de uso do Subjuntivo e sua substituição pelo Indicativo. Como já explicitamos na Seção 4, buscamos auxílio de alguns grupos de fatores para podermos entender e explicar o fenômeno em estudo. Porém, alguns dos grupos de fatores utilizados durante a análise não se mostraram atuantes como esperávamos, como veremos na discussão que segue.

Os resultados do grupo de fatores *padrão morfológico do verbo da oração encaixada* evidenciaram que as diferenças entre as formas verbais de Subjuntivo e Indicativo não interagem com os preceitos normativos como se poderia esperar. Conforme mencionado na Seção 4, a hipótese sustentada para esse grupo de fatores foi baseada no princípio da saliência fônica, segundo o qual quanto mais distintas fossem as formas de Subjuntivo e Indicativo em cada um dos tempos considerados, maior seria a probabilidade de a prescrição gramatical se manter: ou seja, sendo formas muito distintas, a mais saliente deveria predominar. Nesse sentido, esperava-se encontrar uma frequência maior de uso do Subjuntivo com verbos categorizados como *supletivo*. Porém, os resultados obtidos evidenciaram o baixo índice de uso de Subjuntivo nessa categoria, como aponta a tabela 4.

Tabela 4: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o padrão morfológico do verbo da oração encaixada.

Fatores		Semi-categórico		Variável		Total
		%	N	%	N	
Regular	Subjuntivo	96%	45/47	18%	5/28	84%
	Indicativo	4%	2/47	82%	23/28	16%
Irregular	Subjuntivo	85%	11/13	21%	8/38	52%
	Indicativo	15%	2/13	79%	30/38	48%
Supletivo	Subjuntivo	50%	1/2	-	-	17%
	Indicativo	50%	1/2	100%	9/9	83%
TOTAL	Subjuntivo	92%	57/62	17%	13/75	72%
	Indicativo	8%	5/62	83%	62/75	28%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os resultados da tabela 4, fica evidente que, dentre os padrões de uso do Subjuntivo, a forma *regular* do verbo da encaixada foi a que mais apareceu nesse modo, com índice geral de 84% (133 ocorrências). Desse total, temos 45 ocorrências (96%) no padrão semi-categórico e cinco (18%) no variável. Com um índice alto de Subjuntivo nessa categoria, o Indicativo teve uma frequência menor (16%), com registro de 25 ocorrências. Porém seu uso é mais frequente em contextos variáveis (82%).

A categoria verbo *irregular* também traz um índice geral mais alto para Subjuntivo (52%). Do total de 34 casos, 11 (85%) foram no contexto semi-categórico e oito (21%) no variável. Das ocorrências de Indicativo nessa forma morfológica (32), 48% em índices gerais, tivemos mais casos (30) quando ele se encontra em variação com Subjuntivo, com uma frequência de 79%; quando o padrão de uso do Subjuntivo é semi-categórico, o Indicativo é mais contido, aparecendo com 15% de frequência (2 dados).

Quanto à categoria *supletivo*, o índice de Subjuntivo é menor (17%), sendo usado somente em contextos semi-categóricos, com registro de um dado para cada modo verbal; em contextos de variação com o Indicativo não registramos nenhum dado. Já o Indicativo tem uma frequência maior nessa categoria (83%), registrando 10 dados. Em sua maioria, os dados de Indicativo na forma de *supletivo* apareceram no contexto variável equivalendo a 100% dos casos dessa forma verbal.

Tendo os dados se comportado dessa maneira, a hipótese subjacente a esse grupo de fatores (*padrão morfológico do verbo da oração encaixada*) não se comprovou, visto que o

fato de ser *regular*, *irregular* ou *supletivo* não influenciou a variação entre os modos verbais, com os resultados de cada categoria se mantendo próximos dos resultados gerais de cada padrão (semi-categórico, variável).

Outro grupo de fatores que apresentou resultados pouco expressivos é o que traz a *identidade lexical do verbo da oração encaixada*. A quantidade de fatores encontrados nessa posição foi muito grande (100 verbos diferentes), ocasionando um baixo índice de dados com o mesmo verbo. Os resultados evidenciados na tabela 5 demonstram que apenas 8% dos verbos registrados na oração encaixada são mais frequentes, com o mínimo de cinco ocorrências com a mesma identidade lexical do verbo.

Tabela 5: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo junto aos verbos mais frequentes da oração encaixada.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Chegar	80%	4	20%	1	5
Compreender	100%	6	-	-	6
Estar	79%	22	21%	6	28
Fazer	67%	4	33%	2	6
Ir	88%	38	12%	5	43
Poder	-	-	100%	5	5
Ser	-	-	100%	7	7
Ter	62%	5	38%	3	8
TOTAL	72%	169	28%	67	236

Fonte: Elaboração própria.

Vemos, pela tabela 5, que os verbos *chegar*, *compreender*, *estar*, *fazer*, *ir*, *poder*, *ser* e *ter* mesmo sendo os mais frequentes no *corpus* não apresentam, à exceção de *estar* e *ir*, uma grande concentração de dados. Além disso, os verbos *poder* e *ser* não apareceram com o morfema modo-temporal de Subjuntivo, como também *compreender* não surgiu com Indicativo. Assim, constatamos que esse grupo de fatores também não se mostra atuante quando o assunto é variação entre os modos verbais.

Portanto, de acordo com o exposto, os grupos de fatores *padrão morfológico do verbo da oração encaixada* e *identidade lexical do verbo da oração encaixada* não farão parte das descrições e discussões durante a análise dos resultados que apresentamos a seguir.

Além do auxílio dos grupos de fatores, nossas discussões buscarão fundamentos nos estudos variacionistas já realizados sob essa temática e apresentados na Seção 3.3, bem como

o levantamento funcionalista feito a respeito das orações completivas (Seção 3.1). Para contrapormos a norma gramatical ao uso da língua, as gramáticas tradicionais aportadas na Seção 3.2 servirão de base para as discussões.

5.3.1 Resultados do padrão categórico

Com o auxílio do programa estatístico GoldVarb, foi possível verificar quais fatores estruturais da sentença são mais frequentes com o uso de Subjuntivo. Dessa maneira, identificamos quais os fatores linguísticos que se mostraram mais atuantes no contexto de oração completiva quando houve uma seleção categórica desse modo verbal.

Quando o padrão de uso de Subjuntivo é categórico (caso encontrado em 99 sentenças), temos uma frequência de 75,7% de uso do *presente do Indicativo* nas orações principais, resultado bastante significativo dentro de um contexto onde também se encontra o uso de *imperfeito* (6,7%), *futuro do presente* (3,3%), *futuro do pretérito* (1,1%), das formas nominais *gerúndio* (6,7%) e *infinitivo* (7,7%) e de *Imperativo* (1,1%), porém em quantidades reduzidas, como demonstrado na tabela 6.

Tabela 6: Frequência de uso de Subjuntivo junto aos verbos mais frequentes da oração principal.

Fatores	N	Frequência
Presente	75	75,7%
Imperfeito	6	6,7%
Gerúndio	6	6,7%
Infinito	7	7,7%
Futuro do Pretérito	1	1,1%
Futuro	3	3,3%
Imperativo	1	1,1%
TOTAL	99	100%

Fonte: Elaboração própria.

Com o grupo de fatores *tempo verbal da oração encaixada*, o *presente* também é o tempo mais frequente, aparecendo em 85,5% das orações (85 dados), sendo seguido pelo *imperfeito* (14 dados) em 14,5% das ocorrências. Cabe lembrar que esse grupo define os morfemas modo-temporais das nossas variantes (Subjuntivo e Indicativo).

O grupo de fatores “Subjuntivo prescrito” apontou que a maioria dos casos de uso categórico de Subjuntivo (87,8%) ocorreu em contextos previstos pela gramática tradicional, como se vê na tabela 7. Porém esse grupo também identificou casos de uso de Subjuntivo em

contextos não previstos pela gramática (12,2%), como demonstram os exemplos (163), (164) e (165), apontando um fenômeno contrário ao nosso estudo: Subjuntivo em contextos não prescritos.

Tabela 7: Frequência de uso de Subjuntivo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes.

Fatores		Frequência
Subjuntivo prescrito	87	87,8%
Subjuntivo não prescrito	12	12,2%
TOTAL	99	100%

Fonte: Elaboração própria.

(171) **Deixe** que eu me **castigue** agora. [BA – CP199]

(172) ...*eu digo que eu não me enportava que diseçe...* [RJ – CP317]

(173) *Mande dizer se você se importa que eu corte meu cabelo.* [BA – CP204]

Com relação ao grupo *tipo de sentença da oração principal*, os dados do padrão categórico se subdividiram nas três categorias de análise: *afirmativa, negativa e interrogativa*. Porém, tivemos uma maior concentração de dados na categoria *afirmativa*: das 99 ocorrências categóricas, 90% (89 dados) apareceram sem o operador de negação (*não*) e sem marcas de interrogação. Os casos de sentenças negativas e interrogativas tiveram índices mais baixos: 7% e 3%, respectivamente.

5.3.2 Resultados do padrão semi-categórico

Com base nos resultados obtidos pelo cruzamento realizado entre o grupo de fatores *tempo verbal da oração principal* e o *padrão semi-categórico*, vimos que, mais uma vez, o *presente* mostrou-se dominante dentre todas as categorias, conforme apresentado na tabela 8. Do total de 62 casos de uso semi-categórico de Subjuntivo (o que inclui ocorrências de Indicativo), tivemos um índice de 71% (44 ocorrências) de emprego do *presente* nas orações principais as quais apareceram com uma frequência de 93% de seleção de Subjuntivo e 7% de Indicativo. Tivemos a presença também dos tempos *imperfecto* e *pretérito perfeito* e das formas nominais *infinitivo* e *gerúndio*. Porém esses fatores aparecem com índices menores: no *imperfecto*, tivemos 10 sentenças das quais 90% selecionaram Subjuntivo na encaixada e apenas 10% selecionaram Indicativo; com o *pretérito perfeito* encontramos 6 ocorrências na

oração principal que selecionaram, na encaixada, o Subjuntivo em 83% das sentenças e 17% apareceram com Indicativo; com as formas nominais, houve somente o uso de Subjuntivo na oração encaixada, tendo apenas uma ocorrência para cada uma.

Tabela 8: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais do regente.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Presente	93%	41	7%	3	44
Imperfeito	90%	9	10%	1	10
Perfeito	83%	5	17%	1	6
Gerúndio	100%	1	-	-	1
Infinitivo	100%	1	-	-	1
TOTAL	92%	57	8%	5	62

Fonte: Elaboração própria.

Embora o número de dados com o regente no *pretérito perfeito* seja reduzido, o índice de Indicativo na completiva (17%) sugere ligeiramente um contexto mais aberto à entrada desse modo verbal (que o *presente* e o *imperfeito*). Trata-se de um resultado que apenas a análise de um conjunto maior de dados poderia comprovar ou não.

Com o grupo de fatores *tempo verbal da oração encaixada*, de acordo com a tabela 9, nossas variantes apareceram divididas em quatro tempos verbais: *presente*, *imperfeito*, *pretérito perfeito* e *futuro*. Assim como ocorreu com a oração principal, na oração encaixada tivemos uma frequência maior do tempo *presente*, contabilizando 44 ocorrências das quais 95% (42 casos) foram no Subjuntivo e 5% (2 casos) no Indicativo. Já o *imperfeito* foi categórico: em todas as suas ocorrências (15) só apareceram casos de Subjuntivo. O mesmo aconteceu com os tempos *pretérito perfeito* e *futuro* que só registramos casos de um mesmo modo verbal, o Indicativo, mas com a quantidade de dados reduzida: 2 dados e 1, respectivamente. Vemos, então, que o *imperfeito* aparece como contexto de manutenção do Subjuntivo, enquanto o *presente*, o *pretérito perfeito* e o *futuro* constituem contextos de abertura à variante inovadora.

Tabela 9: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais da oração encaixada.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Presente	95%	42	5%	2	44
Imperfeito	100%	15	-	-	15
Perfeito	-	-	100%	2	2
Futuro	-	-	100%	1	1
TOTAL	92%	57	8%	5	62

Fonte: Elaboração própria.

Os exemplos (174) a (179) ilustram esses resultados:

- (174) ...*queres que eu **compre** a ancora para você...* [RJ – CP324] (= presente do Subjuntivo)
- (175) ...*eu queria que voçe **foc**e com migo a missa na Penha...* [RJ – CP317] (= imperfeito do Subjuntivo)
- (176) ...*pediste que tua mãe **foste** te buscar...* [RJ – CP288] (= pretérito perfeito)
- (177) *Recebi tua cartinha mas queria que me **disses**te que vinha ao menos com uma das meninas passar este fim ano aqui.* [MG – CP256] (= pretérito perfeito)
- (178) *Quero que você **borda** umas cousas para mim se eu não tiver cobre pago com nota não e verdade?* [MG – CP243] (= presente do Indicativo)
- (179) *É lógico que não **vou** lhe responder...* [BA – CP152] (= presente do Indicativo)

Quanto ao grupo de fatores *prescrição do Subjuntivo*, ao cruzarmos com os dados do grupo de uso semi-categórico do Subjuntivo, os resultados demonstrados na tabela 10 indicaram que a maioria das ocorrências de Subjuntivo (55 orações) foram usadas em contexto próprio de Subjuntivo, tendo apenas dois fora do contexto previsto, conforme os exemplos (180) e (181). Além disso, o cruzamento desses fatores indicou que os cinco casos de Indicativo estão em contextos em que a gramática prevê uso de Subjuntivo, apontando uma entrada sutil do Indicativo no lugar de Subjuntivo (conforme os exemplos (176), (177), (178), (179)).

Tabela 10: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes verbais

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Prescrito	92%	55	8%	5	60
Não prescrito	100%	2	-	-	2
TOTAL	92%	57	8%	5	62

Fonte: Elaboração própria.

(180) *É bem possível que troquem idéias sobre nós...* [RN- CP349]

(181) *Quanto ao casamento de Ivone, se poderes passar aqui é bem provável que o papae vá com a mamãe, com o fim de me levarem.* [RN – CP361]

Com o grupo de fatores *tipo de sentença* (afirmativa, negativa, interrogativa), o cruzamento com os dados semi-categóricos demonstrou que a negação pode ter um efeito sobre a seleção do modo verbal. Conforme a tabela 11, contexto em que está presente um operador de negação (*não*), encontramos 8 sentenças que selecionaram categoricamente o Subjuntivo na oração encaixada, como apontam os exemplos (182) a (188). Embora a quantidade de dados seja pequena, o resultado é significativo, pois diante do contexto de análise (Indicativo substituindo Subjuntivo) nenhum dado de Indicativo foi selecionado com esse grupo de fatores.

Tabela 11: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o tipo de sentença da oração principal.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Afirmativa	90%	47	10%	5	52
Negativa	100%	8	-	-	8
Interrogativa	100%	2	-	-	2
TOTAL	92%	57	8%	5	62

Fonte: Elaboração própria.

(182) *...não quero que façás nada contra a vontade.* [RJ – CP294]

(183) *...não é preciso que me peçam...* [BA – CP163]

(184) *...não foi possível que eu completasse a leitura.* [BA – CP205]

(185) *...nem é preciso que você me considere sua amiga...* [BA – CP152]

(186) *Não quero dizer com isto que eu entenda alguma coisa sobre política.* [BA – CP222]

(187) ...*ela não queria que eu enviasse o original.* [BA – CP189]

(188) ...*não é justo, velhinho que eu esteja sempre lhe causando mágoa.* [BA – CP201]

5.3.3 Resultados do padrão variável

Com esse padrão de uso do Subjuntivo, encontramos 75 sentenças que possuem regentes verbais que selecionam Subjuntivo (13 ocorrências) e Indicativo (62 ocorrências) em suas sentenças completivas. O cruzamento com o grupo de fatores *tempo verbal da oração principal* assinalou que o *presente* é o tempo verbal com mais ocorrências (47 dados) cuja maioria (91%) selecionou o Indicativo, fazendo com que o Subjuntivo tenha uma frequência de apenas 9% nos dados, conforme apresentado na tabela 12.

Tabela 12: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais do regente.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Presente	9%	4	91%	43	47
Imperfeito	60%	3	40%	2	5
Perfeito	43%	3	57%	4	7
Gerúndio	33%	2	67%	4	6
Infinitivo	-	-	100%	6	6
Futuro	100%	1	-	-	1
Imperativo	-	-	100%	3	3
TOTAL	17%	13	83%	62	75

Fonte: elaboração própria.

Outra marcação modo-temporal que encontramos nessa função foi de *imperfeito*, com 5 dados, divididos entre Subjuntivo (3 dados) e Indicativo (2 dados), com índices que equivalem a 60% e 40%, respectivamente. Da mesma maneira, o tempo verbal *pretérito perfeito*, com 7 dados, apareceu selecionando os dois modos verbais, com frequência de 43% com Subjuntivo e 57% com Indicativo. O *futuro* apareceu em apenas um dado e selecionando Subjuntivo. As formas nominais do verbo, *gerúndio* e *infinitivo*, também estão presentes entre os regentes, como vemos na tabela 12. Os regentes marcados no *gerúndio* tiveram em suas orações encaixadas um índice de 33% (2 ocorrências) de Subjuntivo e 67% (4 ocorrências) de Indicativo. Já o *infinitivo* foi categórico, selecionando apenas Indicativo em suas 6

ocorrências. Assim também aconteceu com os 3 dados que apareceram com *Imperativo* no regente verbal: todos eles selecionaram Indicativo na encaixada.

Esses resultados reforçam a associação, a aparência sugerida no padrão semi-categórico, entre o tempo *presente* e a maior ocorrência de variação, sendo assim o contexto mais favorável à variante inovadora.

O grupo de fatores *tempo verbal da oração encaixada* mostrou que o *presente* continua sendo o tempo verbal mais frequente. Dos 75 casos no padrão de uso do Subjuntivo variável, 52% (39 ocorrências) estão no *presente*, e dessas ocorrências 87% (34 orações) estão no Indicativo e 13% (5 orações) no Subjuntivo. O *imperfeito* (13 ocorrências) também aparece com os dois modos verbais, mas é mais frequente com Subjuntivo (62% das sentenças encaixadas); logo, com o Indicativo, o *imperfeito* ocorre em 5 dados, correspondendo a 38% das orações com esse morfema modo-temporal. Quanto aos demais tempos verbais da oração encaixada, *pretérito perfeito*, *futuro* e *futuro do pretérito*, tiveram dados somente no Indicativo.

Tabela 13: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo os tempos verbais da oração encaixada.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Presente	13%	5	87%	34	39
Imperfeito	62%	8	38%	5	13
Perfeito	-	-	100%	11	11
Futuro	-	-	100%	9	9
Futuro do Pretérito	-	-	100%	3	3
TOTAL	17%	13	83%	62	75

Fonte: elaboração própria.

Aqui também se confirmam as correlações observadas no padrão semi-categórico: o *imperfeito* tende a manter mais o Subjuntivo, enquanto os demais tempos verbais se associam mais fortemente ao Indicativo.

Quanto à prescrição gramatical para uso de Subjuntivo, o resultado do cruzamento demonstrou que os regentes verbais dessa categoria de análise selecionaram o Indicativo com mais frequência em contextos de uso de Subjuntivo: do total de 54 ocorrências em contextos de Subjuntivo prescrito, 80% (43 dados) são de casos de regentes que selecionaram Indicativo (tabela 14). No entanto, a maioria das ocorrências de seleção de Subjuntivo (11 dados) está em contexto prescrito pela gramática tradicional, estando de acordo com a norma prescritiva.

Vê-se, ainda, que o emprego de Indicativo tende a ser maior junto a regentes não mencionados pela tradição gramatical.

Tabela 14: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o caráter prescrito ou não dos regentes verbais.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Prescrito	20%	11	80%	43	54
Não prescrito	10%	2	90%	19	21
TOTAL	17%	13	83%	62	75

Fonte: elaboração própria.

Com relação ao *tipo de sentença*, o cruzamento com o padrão de uso do Subjuntivo variável nos mostrou que a maioria dessas sentenças é *afirmativa*, como mostra a tabela 15. Do total de 75 ocorrências em contexto variável, 66 são afirmativas das quais 88% aparecem com o Indicativo e 12% com Subjuntivo. Com as orações interrogativas, vemos que são poucos os dados, apenas três, e todos empregando Indicativo na encaixada. As orações principais que foram marcadas com o operador de negação *não* são apenas 6, incluindo 5 ocorrências (83%) com Subjuntivo na oração encaixada e uma ocorrência (17%) com Indicativo (conforme o exemplo (189)).

Tabela 15: Frequência de uso de Subjuntivo e Indicativo segundo o tipo de sentença da oração principal.

Fatores	Subjuntivo		Indicativo		Total
	%	N	%	N	
Afirmativa	12%	8	88%	58	66
Negativa	83%	5	17%	1	6
Interrogativa	-	-	100%	3	3
TOTAL	17%	13	83%	62	75

Fonte: elaboração própria

(189) ...*não* fiques pensando que se assim acontecer, *ficarei* de mau humor... [RN – CP360]

A tradição gramatical diz que a presença de um elemento de negação junto ao regente verbal, como o *não*, leva o verbo da sentença encaixada para o Subjuntivo. De fato, é nesse contexto que encontramos o índice mais alto de Subjuntivo para esse grupo de fatores. No entanto, como vimos, há um dado de Indicativo juntamente a uma oração *negativa*, o que significa que o uso inovador está presente até mesmo nesse contexto.

Percebe-se, então, com base na análise apresentada sobre os três padrões de uso do Subjuntivo que há semelhanças entre esses contextos podendo indicar a mudança linguística. Os resultados nos mostraram que o tempo *presente* é o mais frequente entre os regentes verbais, bem como entre as variantes (na oração encaixada). Além disso, vimos que alguns morfemas modo-temporais do padrão semi-variável presentes em nossas variantes aparentaram ser abertos à variação, sendo o caso do *pretérito perfeito* e do *futuro*. Os contextos esperados para uso de Subjuntivo nos trouxeram também resultados significativos: os casos de Indicativo ocorreram, principalmente, em situações em que o esperado era o uso do Subjuntivo. Dessa forma, nota-se que, mesmo sendo sutil, a entrada de Indicativo em contextos de Subjuntivo é ativa.

Por outro lado, vimos que alguns fatores estruturais tendem a manter o Subjuntivo. A ocorrência de Subjuntivo em orações completivas é mais frequente quando, na oração encaixada, temos o morfema de *imperfeito* anexado ao verbo. Temos isso nos três padrões de uso do Subjuntivo: *imperfeito* sempre presente nas orações encaixadas com a maioria das ocorrências no modo Subjuntivo, até mesmo no padrão de uso variável. Outro fator que se mostrou conservador ao uso de Subjuntivo foi a presença de uma sentença negativa na oração principal, conforme diz a tradição gramatical. Com essa categoria, como vimos, tivemos apenas um dado no Indicativo, o que nos sugere uso inovador nesse contexto.

6 CONCLUSÃO

A investigação linguística que nos propusemos a fazer acerca da variação entre os modos Subjuntivo e Indicativo tinha como objetivo central avaliar o complexo jogo de forças que envolve ‘norma’ e ‘uso’ e a atuação desse embate sobre os processos de variação e mudança linguística. Para isso, colocamos como objeto de estudo orações completivas coletadas de cartas pessoais provenientes de meados do século XX. Dessa forma, pudemos eleger alguns grupos de fatores estruturais que julgamos serem importantes na compreensão do fenômeno investigado. Sendo assim, buscamos entender:

- (i) Em que contextos linguísticos se dá a alternância;
- (ii) Se essa alternância constitui de fato um fenômeno variável;
- (iii) Em que medida os usos observados nas cartas seguem ou se opõem ao que vem determinado na tradição gramatical sobre esse fenômeno.

Sabemos que a tradição gramatical da língua portuguesa associa o modo Subjuntivo a situações de incerteza, de probabilidade, de dúvida. Mas os resultados das pesquisas variacionistas apresentadas na Seção 3 e aqueles a que chegamos aqui provaram que o Subjuntivo vem sendo substituído, gradualmente, pelo Indicativo. Isso suscita a discussão acerca das normas linguísticas apontada na Seção 2: a norma-padrão, divulgada pelos manuais, é de fato a língua que usamos? Com base nos conceitos de Faraco (2002) e Coseriu (1980), podemos dizer que não. O fato de não usarmos a norma dos manuais de gramática (vários escritos há pelo menos um século e que pouco se alteraram) relaciona-se com a ideia de que a língua se molda segundo as necessidades de quem a fala. A língua é um objeto maleável e, portanto, mutável.

No entanto, não podemos dizer que as línguas vivem no caos. Isso se explica quando vemos que dentro de uma comunidade de fala existe uma mesma *norma linguística* praticada pelos falantes. Nesse sentido, o termo ‘norma’ está ligado ao que de fato se usa e ao que é ‘normal’.

Dessa forma, vemos que o uso do modo Indicativo em contextos de Subjuntivo está assegurado pela norma ‘normal’, isto é, na língua em uso e o Subjuntivo, por sua vez, está garantido pela norma-padrão. A partir disso, podemos discutir quais foram os contextos linguísticos que permitiram a entrada da variante inovadora onde a tradição gramatical normativa prevê o emprego de Subjuntivo.

Durante a análise dos resultados, encontramos três padrões de uso do Subjuntivo nas orações completivas: uso categórico, uso semi-categórico e uso variável. Cabe lembrar que

essa categorização foi motivada pelos regentes verbais que apresentaram esse padrão de comportamento. Vemos, então, que alguns regentes se mostraram conservadores quanto ao uso de Subjuntivo, como também outros se revelaram abertos à inovação. Sendo assim, podemos constatar que os regentes verbais associados ao padrão de uso variável formaram um contexto propício para variação entre os modos. Esses regentes são assim identificados: *pensar, sentir, crer, julgar e ter (a) impressão*.

É importante lembrar que essa troca entre os modos verbais Subjuntivo/Indicativo, em alguns contextos, não é apenas uma alternância, mas um fenômeno variável, visto que quando há a troca do Subjuntivo pelo Indicativo o valor semântico da oração não se altera, como se observa em:

- *Já houve o júri do assassino do Antonio Gomes, **penso** que ele **tem** [tenha] que ficar algum tempo porque teve um voto contra e o promotor apelou.* [MG – CP255]
- *...ela **julgava** que tú **tivesses** [tinha] chegado ontem...* [RJ – CP293]
- *Aquela hora **tive** uma **impressão** que o mundo **estava** [estivesse] prestes a se acabar.* [RN – CP340]
- *Eu não **creio** que isto **aconteça** [acontece]!* [BA – CP177]
- ***Sinto** imensamente que eu **esteja** [estou] sempre assim...* [BA – CP214]

Dessa forma, comprova-se que a troca entre Subjuntivo e Indicativo constitui um fenômeno variável no português brasileiro. Todavia, a tradição gramatical, como demonstrado na Seção 3, pouco menciona esse fenômeno linguístico inovador, sendo lembrado apenas por Perini (2010) e visto como possível por Said Ali (1923).

Assim, chegamos ao nosso terceiro objetivo previsto com o estudo: em que medida os usos observados seguem ou se opõem ao que vem determinado na tradição gramatical sobre esse fenômeno. Com a análise dos dados, foi possível verificar situações em que os usos encontrados nas cartas pessoais não seguem a tradição gramatical e outros em que não se opõem a ela. Para comprovarmos esse resultado, retomemos ao grupo de fatores ‘Subjuntivo prescrito’, o qual categorizava os regentes verbais em ‘prescrito’ e ‘não prescrito’ pela tradição para selecionar Subjuntivo. Os resultados desse grupo de fatores demonstraram que as orações completivas retiradas das cartas ora seguem o prescrito nas gramáticas, empregando o Subjuntivo em sua oração encaixada, ora se opõem a elas, usando o Indicativo. O que podemos afirmar é que tivemos mais ocorrências de Subjuntivo em contextos de Subjuntivo prescrito do que Indicativo em contextos de Subjuntivo, isto é, a norma conservadora ainda se mantém.

Para fecharmos essa discussão a respeito do fenômeno variável em questão, é importante ressaltar que esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo – *Norma e uso do subjuntivo na história do português brasileiro* – ao qual buscamos contribuir analisando uma pequena parte de todo um percurso histórico da língua.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. **Gramática Secundaria da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.
- ANTHONY, L. (2014). AntConc (Version 3.4.3) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BERLINCK, Rosane de A.; BARBOSA, Juliana B.; MARINE, Talita de C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v.7, n. 1, p. 53-79, jan./jun. 2008.
- BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- BUENO, F. da S. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CASTILHO, A.T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARVALHO, H. M. de. **A alternância do Subjuntivo/Indicativo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2007.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1981.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1978.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. São Paulo: Editora Presença, 1979.
- DUCROT, O. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, N.; REICH, A. (eds.). **Modality in language acquisition**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p.97-110.
- FAGUNDES, E. D. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Ática, 1991.

- FARACO, Carlos Alberto. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. As construções subordinadas substantivas. In: CASTILHO, A. T. de. (coord.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume V: a construção das orações complexas. São Paulo: Contexto, 2014.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T. de. (coord.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.
- KATNY, A. Lexical and grammatical exponents of modality in polish and German. In: : DITTMAR, N.; REICH, A. (eds.). **Modality in language acquisition**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p.41-58.
- KIEFER, F. On defining modality. **Folia Linguística**, v.21, n.1, p.67-93, 1987.
- LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2014].
- LUCCHESI, Dante. O tempo aparente e as variáveis sociais. **Boletim da ABRALIN**, v.26, p.135-137, Número especial, 2001.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MATEUS, M.H.M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MEIRA, V. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2006.
- MENDES DE ALMEIDA, N. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1981.
- NETA, A. A. O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro. **Estudos Linguísticos** 35, p.258-267, 2006.
- NEVES, M. H. de Moura. Imprimir marcas no enunciado, Ou: A modalização na linguagem. In: _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.
- OLIVEIRA, F. Modo e Modalidade. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 6.ed. Editorial Caminho, Lisboa, 2003.
- PEREIRA, E. C. **Gramática Expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos &Co., 1907.
- PERINI, M. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PIMPÃO, T.S. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

POPLACK, S.; LEALESS, A.; DION, N. **The evolving grammar of the French subjunctive**. *Probus* 2013; 25(1): 139 – 195.

RIBEIRO, João. **Grammatica portuguesa**: 3º ano. 3. ed. Rio de Janeiro. Livraria Clássica de Alves & C., 1889. 329p.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza**. 5ª edição revista por João Vieira de Almeida. São Paulo: Miguel Melillo, 1899. 364 p.

SAID ALI, M.. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (Orgs.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. (tradução brasileira pela Parábola Editorial, 2006).